

PARO



*Handwritten signature*

José Condessa



Periodicidade  
Bimestral  
Depósito legal  
272758/08  
Registo ERC  
125392  
Edição  
Conforto Moderno Uni, Lda.  
NIF  
508 399 289  
Propriedade  
Conforto Moderno Uni, Lda.  
Rua Quirino da Fonseca, 25 - 2ºesq.  
1000-251 Lisboa, Portugal  
Telefone  
00351 218 473 379

Impressão  
Suspensa. Disponível edição on-line.  
Distribuição  
Conforto Moderno Uni, Lda.

Director  
Francisco Vaz Fernandes  
francisco@parqmag.com  
Editor  
Conforto Moderno  
Design  
Valdemar Lamago  
www.valdemarlamago.com

Textos  
Adriana Veríssimo Silva  
António M. Barradas  
Beatriz Nascimento  
Carla Carbone  
Carlos Alberto Oliveira  
Diogo Graça  
Fábio Braga  
Francisco Vaz Fernandes  
Manuela Marques  
Maria São Miguel  
Patrícia César Vicente  
Rafael Moreira  
Rafael de Sousa Vicente  
Rafael Vieira  
Rita Ramos  
Roger Winstanley  
Sara Madeira  
Sofia Seixo Garrucho  
Suzana Cohen

Fotos  
Diana Neto  
Frederico Santos  
Guilherme Lucas  
Isabella Glock  
Julie Dimitrova  
Maria Rita  
Pedro Afonso  
Ptter Venturin  
Sébastien Navosad

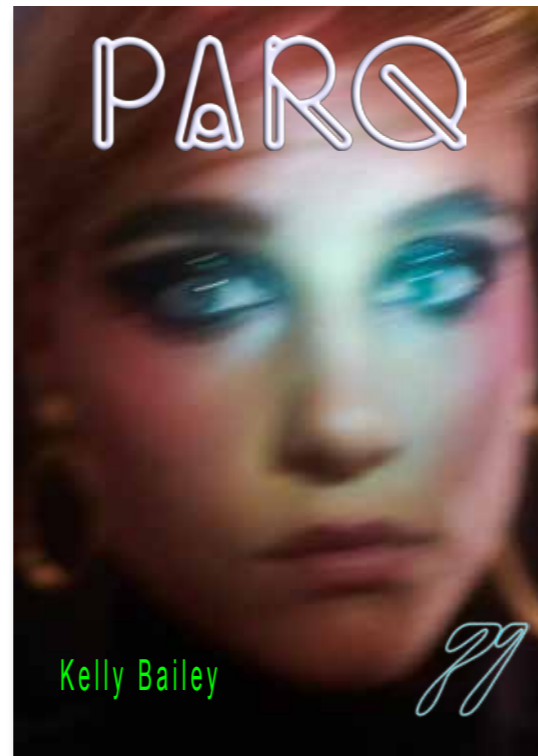
Ilustração  
Nicolae Negura

Styling  
Alexis Robert  
Andreia Valente  
Carmen Merida  
Lucia Valdevino  
Mauro Osório  
Sara Novais  
Teresa Silva  
Tiago Ferreira  
Yolanda J. Kiluanji

www.parqmag.com  
facebook  
instagram  
youtube

/parqmag  
/parqmag  
/parqmag

A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da PARQ. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 – 2021 PARQ.



fotografia Pedro Afonso @pedroafonsogram  
dir. criativa Ana Magalhães @anadotmagalhaes  
styling Lúcia Valdevino @lucivaldevino  
beauty Eduardo Estevam @eestebam



fotografia Maria Rita  
fashion Tiago Ferreira  
make-up Verónica Zoio  
hair Dora Mendes  
nails Sandra Luz



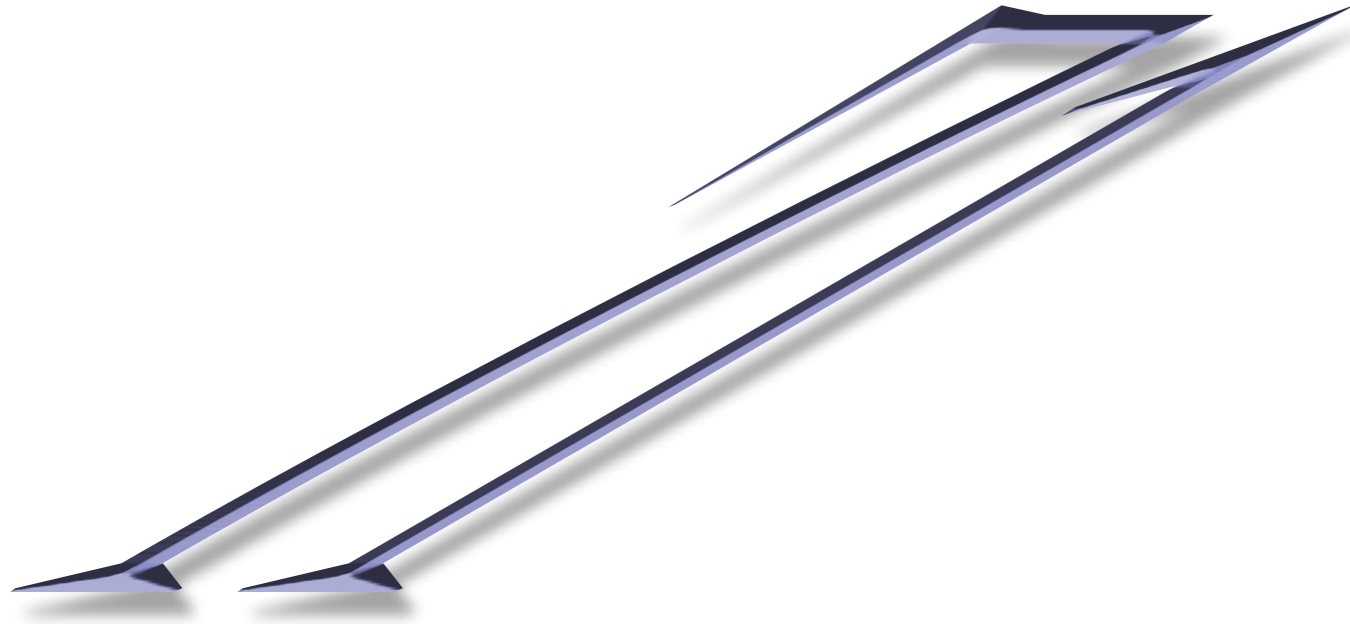
# MERRELL

Faz o teu caminho.

Wrapt







## GOU MUSC

- 06 A Máquina não Parou
- 07 Um Fotógrafo e uma Dona de Casa
- 08 Nada Existe - Rui Chafes
- 12 Dia - Carsten Höller
- 18 A Natureza Detesta Linhas Rectas - Gabriela Albergaria
- 24 Passa ao Futuro
- 30 Soldita - André Teoman
- 34 Porto Bienalle 2021
- 38 CDs
- 39 World of Wine
- 40 Duarte Brand
- 50 AME848
- 54 Miss Dockers
- 56 Funfetti
- 57 Upcycled
- 58 Revolt
- 59 Mon Ami
- 60 Beleza
- 62 Sneakers

## SOUNDSTATION

- 70 Low

## CENTRAL PARQ

- 72 Gadutra
- 86 WALKography
- 94 Digitalização
- 98 Admirável Velho Mundo Novo de Hoje
- 102 Família

## FASHION EDITORIAL

- 106 Kelly Baily
- 122 José Condessa
- 134 Autumn Aura
- 146 Concrete Jungle
- 158 M.U.S.A

## PARQ HERE

- 170 Mediático
- 172 Castilho Concept Store
- 173 Parfois
- 174 Salta
- 176 Crónica



GANNT  
FOOTWEAR



O bilhete dourado para viajar sem sair do sítio

## A MÁQUINA NÃO PAROU

texto António Barradas

Às vezes dizem-me que morreu um Ser Humano dos "que já não se fazem". Assim, dito de forma perentória, sem apelo, para um agrave deixado cair para lugar nenhum onde se possa encontrar. Traçam-lhe o perfil, com o prólogo a resumir taxativamente tantos anos de vida. Não entra um coro a comprovar a cristandade por eles afiançada. Cria-se antes um pedestal para colocar quem já cá esteve. Misturam-se tempos verbais para enganar a fome de abraços da qual padecem. Fazem-se trinta por uma linha, no entanto, o casaco parece nunca ficar pronto. Também já não se fazem. Perderam-se com eles, dizem-me com soluços.

Parecem cravar a fogo, no ferro que lhes ficou no coração. Sabe-lhes melhor dizer em voz alta e estende-se assim um tapete mais largo à morte. Ou a essa madrastra falta de alguém, patologia tão mais cruel do que morrer. Agilizam-se as palavras não ditas, desviam-se as pilhas de burocracias que os impediram de estar presentes e acolhoam-se as desavenças sem resposta. Tudo serve para os aproximar desse Ser Humano com a vida em maiúsculas que não merecia tão minúscula despedida.

Parecem cismar na ideia. "Já não se fazem". Acabou. Vem a finitude baralhar os nós de marinheiro feitos na tempestade de emoções do nosso alto-mar sensitivo. É um estatuir de amor ao que já não volta. A máquina encarregada de os fazer, parou. Vociferam. Ou estragou-se pelo saudosismo impulsionado de saudades e calcorreado por lágrimas que saram feridas abertas.

Quando paramos de desvalorizar quem cá fica? Porque valem tão pouco as pessoas que vão perdurando ao nosso lado? Não seremos nós a pedra na engrenagem desta máquina estagnada de seres iluminados?

O vazio não é mais do que uma receita de saudades. São ondas de planos desfeitos, a embrulhar-nos nas reminiscências mitológicas de quem já não se faz. A máquina não parou. O motor engata a cada minuto aproveitado com quem se posiciona ao nosso lado. Refazem-se trapos de bonecos há muito atirados para o lado. Refazem-nos o lado mais dorido com abraços e juras sem promessas. Refazemo-nos, porque haverá sempre alguém a ajudar-nos a amassar este pão de esperança.

## UM FOTÓGRAFO E UMA DONA DE CASA

texto Rita Ramos

Em Junho de 1995, estreia no cinema, provavelmente o filme mais dramaticamente romântico de sempre. Um filme que resiste ao tempo e emociona gerações. Uma obra que nos esmaga com as suas interpretações intimistas. Dois protagonistas que nos prendem e apaixonam a cada cena. Em Junho de 1995, estreia o filme "*As Pontes de Madison County*".

Baseado no livro de ROBERT JAMES WALLER, foi adaptado ao cinema por CLINT EASTWOOD, que para além de realizador também é protagonista ao lado de MERYL STREEP. Estes dois monstros do cinema dão vida a uma curta e intensa história de amor. Com

sua reportagem fotográfica. De forma tranquila mas arrebatadora, envolvem-se numa paixão intensa e urgente pois a família de Francesca só está ausente durante quatro dias. Ao longo destes quatro dias, este casal improvável ama-se profundamente ao mesmo tempo que se atormenta com o desfecho fatalista do seu romance. Os blues que ouvimos constantemente no rádio de Francesca ainda nos deixam mais envolvidos neste amor doloroso e incontrolável onde quase conseguimos sentir na pele o calor desta paixão. Cada detalhe é cuidadosamente pensado.

Francesca transforma-se numa mulher eroticamente livre cada vez que está na companhia de Robert e volta a fechar-se no seu casulo rotineiro quando a sua família regressa de viagem. Robert vai deixando a pele de lobo solitário à medida que se entrega a Francesca. A transformação no olhar de ambos à medida que o seu amor cresce é inenarrável. Magistralmente interpretado por dois dos maiores vultos do cinema mundial, o filme "*As Pontes de Madison County*" continua a tocar o coração mesmo dos menos românticos e nos tempos pouco empáticos que vivemos, ver este filme devia ser de carácter obrigatório. O filme termina de forma triste e tranquila, as cinzas de Francesca voam para junto de Robert encerrando na morte o amor das suas vidas.



Imagem do filme *High-Life* (2018) de CLAIRE DENIS

uma química romântica que não nos deixa indiferentes, este filme chega-nos em forma de diário lido pelos filhos de Francesca (MERYL STREEP) aquando da sua morte. No testamento de Francesca, esta pede aos filhos para ser cremada. Prevendo em vida que os filhos não aceitariam de forma leve a sua cremação, Francesa deixa-lhes três diários onde relata a sua história de amor com Robert (CLINT EASTWOOD) e justifica este seu último desejo.

Robert Kincaid, fotógrafo da National Geographic, desloca-se até ao estado de Iowa para fotografar as pontes de Madison County. Perdido, pede indicações à dona de casa Francesca Jonhson. Francesca, presa no quotidiano de uma família que ama mas que não lhe é suficiente, rapidamente se disponibiliza para ajudar Robert na



# NADA EXISTE

por RUI CHAFES

texto Francisco Vaz Fernandes  
fotografia Alcino Gonçalves

*Nada existe*, título da exposição que reúne na Galeria Filomena Soares, a última produção de RUI CHAFES, constituída por 35 peças em ferro dispersas em duas salas. Na primeira prevalecem peças verticais, autónomas do seu conjunto que desafiam pressupostos da gravidade em termos de peso e equilíbrio. Pelo contrário, na segunda sala, apesar de igualmente autónomas, as peças alinhadas vivem da impressão de pertencerem a um conjunto, tendo havido uma envolvimento cénico para melhor enfatizar esse elemento.

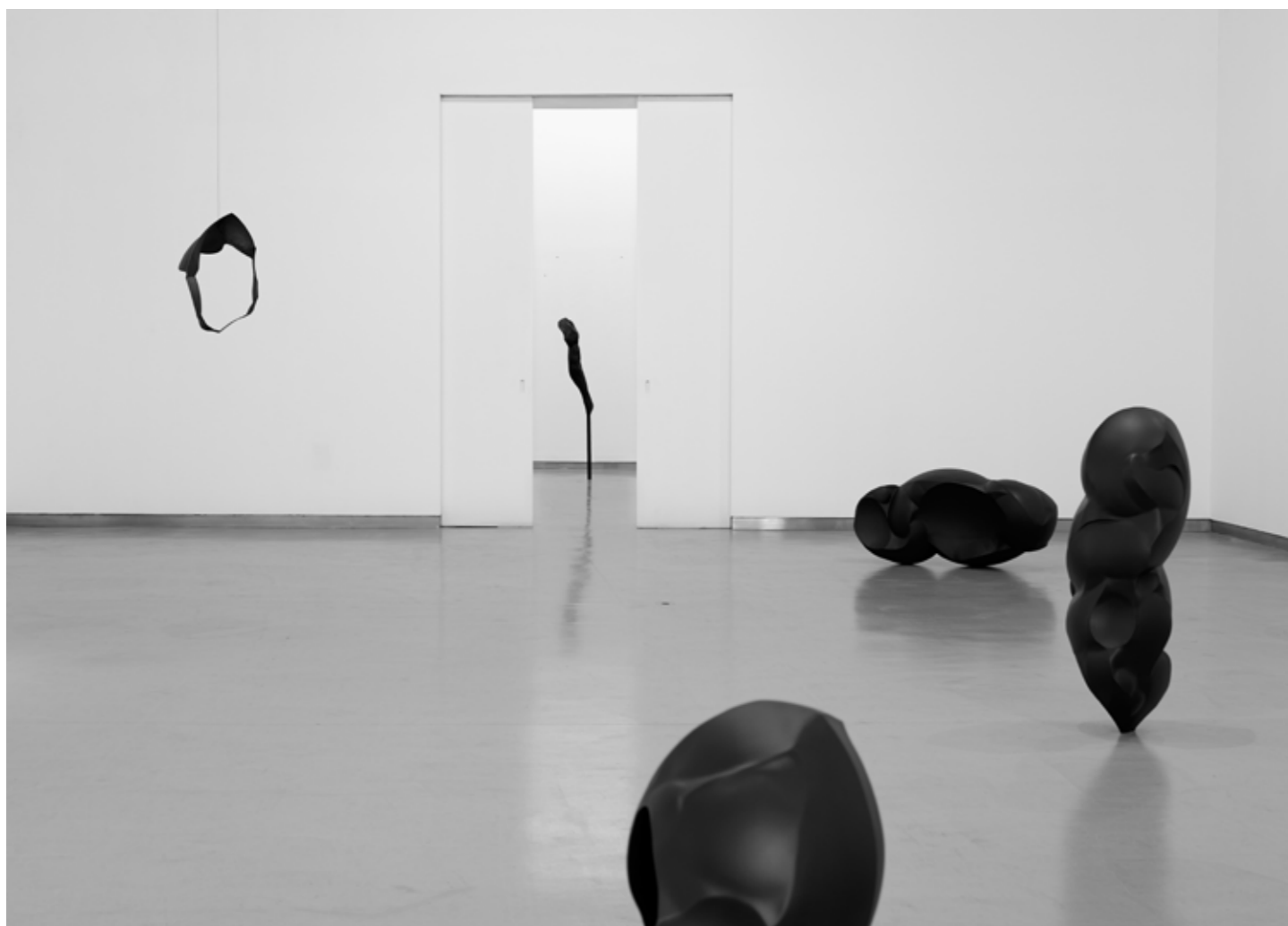
Coerente com todo seu trabalho já desenvolvido anteriormente, prevalece na primeira sala uma exploração de formas orgânicas, apontando para volumes que nos obrigam a um olhar circular, a descobrir os seus detalhes nas irregularidades e nas concavidades que surgem. Serão espécies de casulos “abandonados” estranhamente colocados em pé, desafiando o seu impossível equilíbrio? Nesse sentido, RUI CHAFES volta a trazer o mundo sensível, observável

como referência próxima do seu universo criativo. No essencial coloca-se como uma ponte entre um mundo observado e a sua representação, sem que essa seja marcada por uma transposição direta. Pelo contrário, é nessa impossibilidade de reconstruir o mundo e a vida em si que se fundamenta o processo criativo do artista que depois se traduz numa espécie de poética. A obra de RUI CHAFES facilmente leva o espetador a adivinhar referências e mesmo a criar histórias em seu torno. Contudo, o imaginário casulo recém abandonado pela larva da borboleta que nos invade a mente, é para o artista um momento intransponível. Ainda assim o seu significado alimenta indiretamente a sua criatividade, porque o artista acrescenta ao mundo vivido, toda a subjetividade que isso acarreta. Essa impossibilidade de reconstruir o mundo em si em cada uma das suas obras, seja pois então a faculdade de se constituir como parte de um universo.

Como estamos a falar de um campo de possibilidades tão aberto, talvez isso explique porque RUI CHAFES na sua produção artística, tenha reduzido tanto o seu campo de possibilidades tecnológicas. Num mundo que tem tantas novidades e potencialidades para oferecer, é como se o mínimo bastasse, porque há um entendimento que o evento do artista é a criação e ela acontece mesmo nas condições mais adversas. A imposição de recursos mínimos tem sido pois, a condição primeira da produção artística a que RUI CHAFES se impôs. A partir do ferro, soube extrair dos seus evidentes limites, potencialidades. Evitou que a sua criação estivesse dependente das tecnologias especialmente do que elas podem trazer de novidade, e procurou centrar-se numa matéria e tecnologia, onde a inovação não seria o ponto de foco. De certa forma, ao optar pelas tecnologias associadas à modelação do ferro, inscreveu a sua voz num devir do tempo que traz ressonâncias de toda uma civilização à qual todos pertencemos. A repetição de práticas e um sentimento de pertença constrói então, a sua singularidade que é a base de qualquer poética. Por exemplo, a ilusão entre o peso e a leveza, o equilíbrio e o desequilíbrio na eminência de um possível caos que encontramos nestas peças expostas são pois, os elementos que ajudam a diversificar uma narrativa que é reinterpretada a cada passo pelo artista.

A segunda sala, os aspetos que podemos associar aos mitos e as narrativas voltam a estar presentes. As quatro obras colocadas num plinto, são desdobramentos da obra “*La Nuit*” (2018), peça produzida em referência a *Le Nez* de ALBERTO GIACOMETTI para a exposição, “*Rui Chafes et Alberto Giacometti - Gris, Vide, Cris*”, comissariada por HELENA DE FREITAS, na Fondation Calouste Gulbenkian em Paris, em 2018. Nessa, como nas 4 peças expostas agora na Galeria Filomena Soares, o que se distingue primeiramente é um elemento estirado, que pode evidentemente ser associado a um nariz dada as vagas métricas antropomórficas que relacionam as peças a uma cabeça. As referências à obra de GIACOMETTI,

são evidentes e é a base, sobre a qual RUI CHAFES convoca todo o seu universo. Algo em que pode misturar literatura popular, como Pinóquio com referentes à cultura cavaleiresca, tudo num lirismo que faz sempre encontrar-se com as formas orgânicas que a natureza oferece na sua pluridade. Sem nunca fazer da sua obra uma referência à atualidade, nesta como em obras anteriores o artista não se inibe de recorrer a significados populares para de forma lata, referir-se a um universo mais abrangente sempre atualizado e, por isso que informa também o presente.







*Nada Existe*  
Exposição Rui Chafes

Galeria Filomena Soares  
Rua da Manutenção, 80  
Lisboa

Ter. → Sáb.  
10:00 → 19:00

→ 20.11.2021

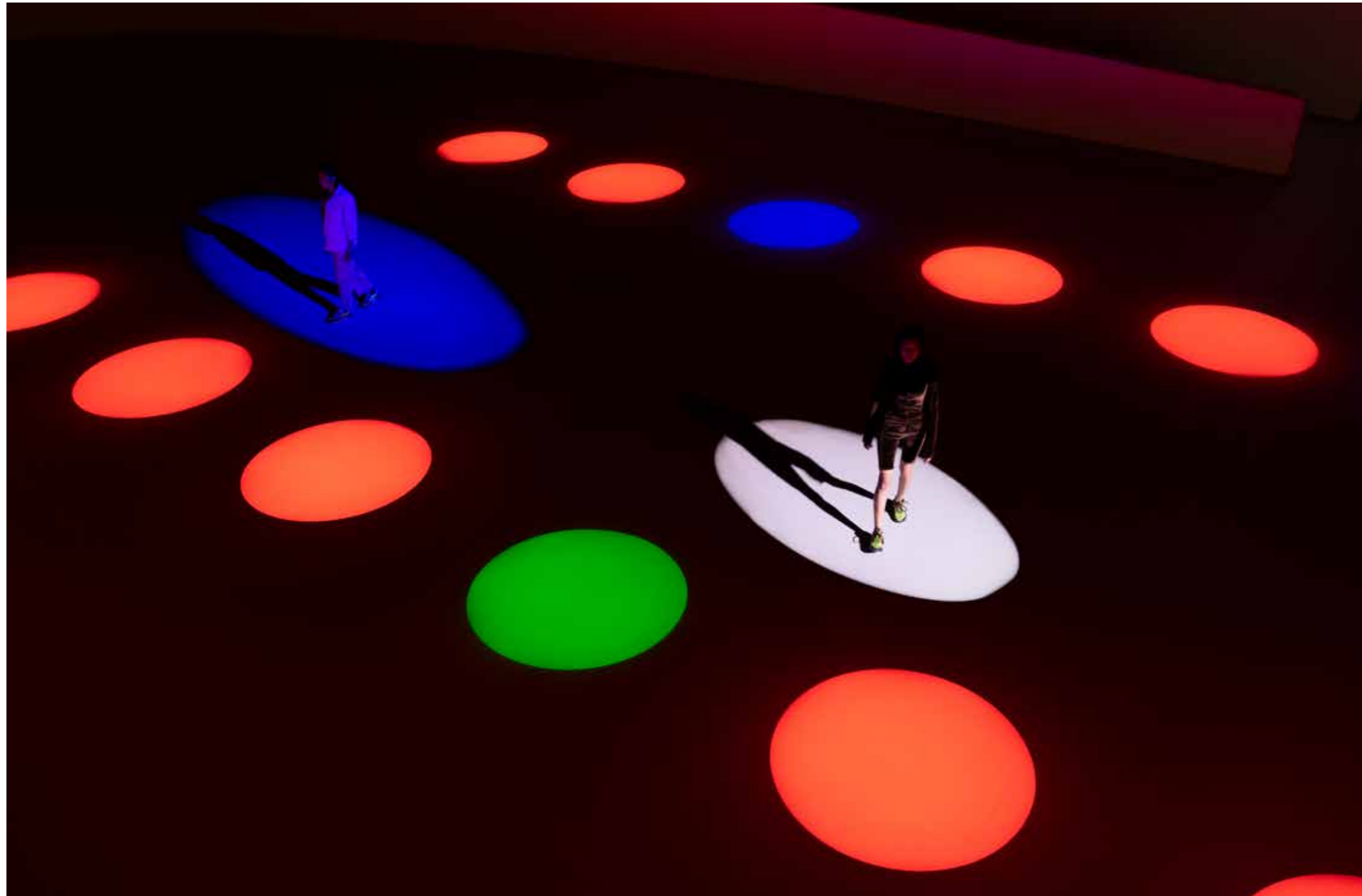
[gfilomenasoares.com](http://gfilomenasoares.com)



DIA

por CARSTEN HÖLLER

texto Francisco Vaz Fernandes



*Dia*  
Exposição Carsten Höller

MAAT  
Av. Brasília, Belém  
Lisboa

Qua. → Seg.  
11:00 → 19:00

→ 28.02.2022

[www.maat.pt](http://www.maat.pt)

CARSTEN HÖLLER, *Lisbon Dots*,  
2021, MAAT



A celebrar os seus 5 anos de existência, o MAAT abre a sua temporada com uma exposição de CARSTEN HÖLLER, (1961), artista de origem alemã, que tem conhecido uma fulgurante projeção internacional. Quem não conhece a instalação com os cogumelos invertidos instalada na Fundação Prada. Intitulada *Upside Down Mushroom Room*, 2000 esta peça de arte é talvez a mais contemporânea e a que provavelmente mais selfies despoletou, para além do reconhecimento público imediato e do sorriso espontâneo. Diria até, que no mundo das redes sociais, a presença de um indivíduo no cenário tal como esta instalação nos oferece, passou a ser um ato de passagem e a certificação de pertença a uma certa elite. Mas nem todas as obras de CARSTEN HÖLLER gozam do mesmo sucesso popular e no MAAT a preferência foram para as suas peças que produzem luz ou escuridão.

Intitulada *“Dia”*, esta é uma exposição comissariada por VICENTE TODOLÍ, antigo diretor da Fundação Serralves e da londrina Tate Gallery que reúne peças desenvolvidas ao longo de três décadas pelo artista germânico. Contudo, a peça mais recente desenvolvida para o espaço do MAAT é naturalmente, uma das que ganha especial atenção. O *Lisbon dots*, instalada no hall central do Centro de Arte é constituída por projetores de luz que se movem a partir de sensores. Ao captar o movimento do indivíduo, o *Lisbon Dots* insta a uma interação com o público, propondo um conjunto de regras em que o expectador procura progredir saltando para manchas de luz, que podem ser azuis, vermelhas, verdes e brancas. Para além do seu grande efeito cénico, é a obra que melhor ocupou até hoje esse hall. Além disso é a obra que acaba por ser a mais sintomática da grande parte do trabalho de CARSTEN HÖLLER. Esta obra remete-nos para um conjunto de questões que estão quase sempre presentes de forma invariável no perímetro de ação da sua obra. O que é arte? Como pode ser rececionada? Qual o seu espaço na sociedade. Ou seja, que espaço ocupa o artista na sociedade e qual o seu papel social.

Em *Lisbon Dots*, o artista propõe uma obra complexa que se completa com a interação do público espetador, coexistindo este com a peça. Ou seja, o artista permite antes de tudo uma experiência, no qual o espetador ganha um espaço de

fruição sobre o qual decide com liberdade. O artista coloca-se não só como um analista do real, mas também um potencializador de reais. Não é na objetividade de uma obra de arte que o artista está interessado, mas na capacidade de que o seu gesto artístico possa entrar dentro de um quadro social.

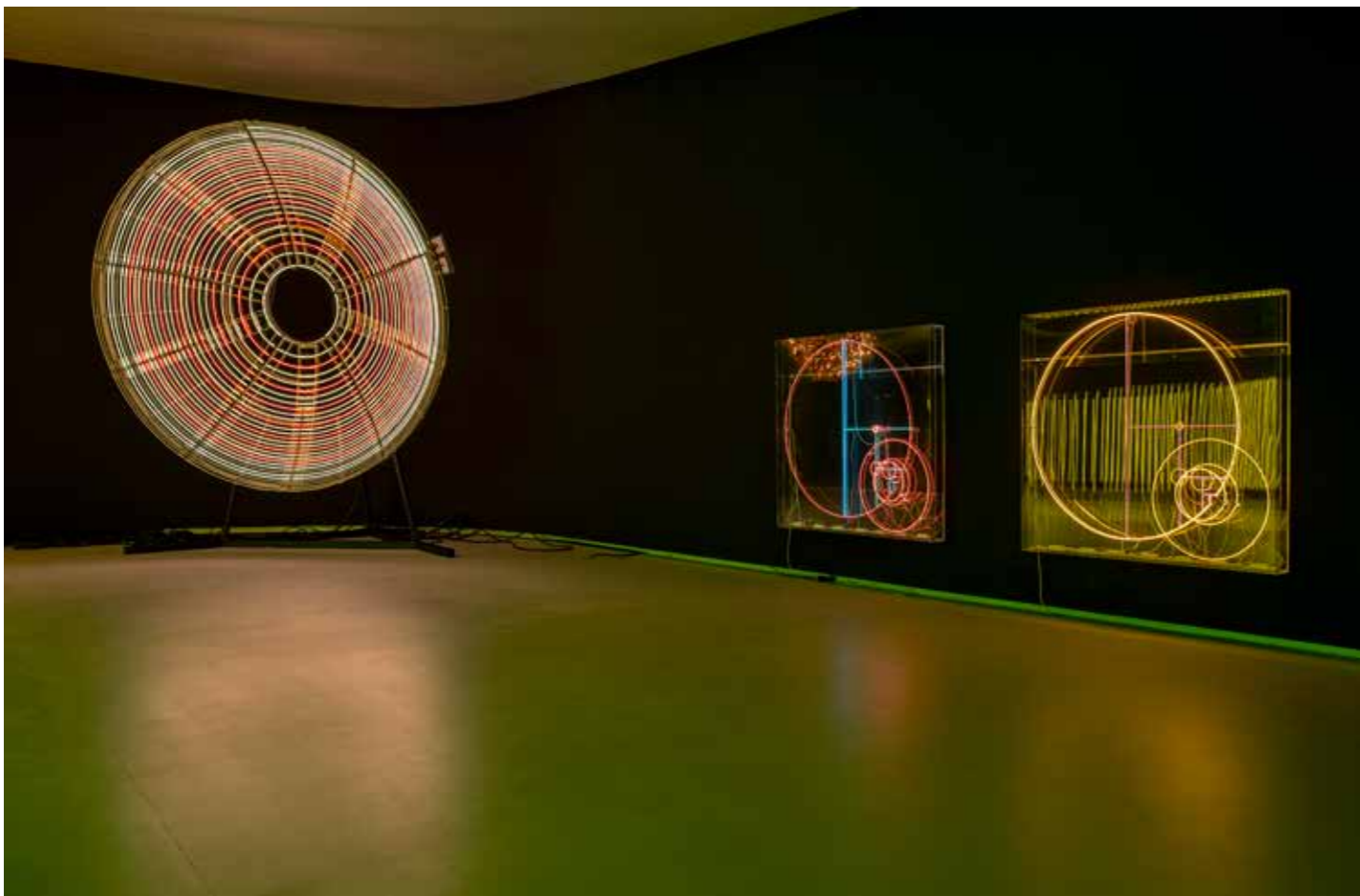
A questão da experiência artística e as próprias instituições de arte que promovem a obra de um artista tem sido igualmente focos do seu trabalho. A propósito disso é de referir uma das peças expostas no MAAT, intitulada, *Two Roaming Beds* (2015) que consiste em duas camas gémeas robóticas que percorrem de forma autónoma o espaço da exposição deixando umas marcas no chão que vão formando um desenho abstrato. Apesar de poderem ser vistas desocupadas durante o dia, o artista permite com a coordenação da instituição que a acolhe oferecer uma noite no centro de uma exposição, como se fosse uma noite num quarto de hotel. Para que dois espetadores por dia possam dormir uma noite num museu das 20h às 8h apenas é necessário uma inscrição prévia. Segundo a proposta do artista, a experiência contempla um kit que contém 4 tubos com pastas de dentes sendo que o maior de todos contém um ativador que aumenta a capacidade de recordar sonhos e os outros três contêm substâncias que evocam sonhos relacionados com o mundo feminino, masculino e infantil. Cabe ao espetador/performer escolher, segundo a sua preferência.

Nesta peça como na anterior, o carácter aleatório interfere dentro de um quadro objetivo pressuposto pelo artista. Contudo, um conjunto de consequências, se bem que potencializadas, é imprevisto. No essencial, o artista programador rompe com a carga subjetiva que era a marca passada da genialidade do artista enquanto criador. Com a crise da representação que marca a arte nos anos 90, o artista passa a ter dificuldade em se colocar de uma forma exterior para explicar o mundo, a não ser que se implique no seu interior, com a legitimidade de ser um entre muitos a elevar a sua voz. Ou seja, vemos em CARSTEN HÖLLER certas peças em que o artista potencializa relações e agrega outros sujeitos que fazem a obra acontecer. A obra vai-se transmutando dependendo das circunstâncias em que se apresenta e dos momentos em que ocorre.

O carácter aleatório não está sempre presente nas obras de CARSTEN HÖLLER. Por exemplo, em *Decimal Clock (white and Pink)*, deparamo-nos com uma peça de grandes dimensões, constituída por vários anéis concêntricos em néon que se vão iluminando através de pequenos relâmpagos. Este efeito que se repete, longe de ser aleatório, refaz a experiência de um relógio funcional que durante a revolução francesa foi proposto como uma possível contagem do tempo feita a partir de unidades decimais. Os segundos acumulam-se dentro dos segmentos de anéis, criando o efeito de pequenos relâmpagos que os iluminam, uns após outros no sentido dos ponteiros dos relógios. Mais uma vez o artista circunscreve a subjetividade do artista, operando as condições de uma mecânica, que se desenvolve de forma objetiva, autónoma até ao infinito. Tal como esta experiência, muitas outras obras do artista recorrem ao conhecimento científico, mesmo aquele que é do domínio público e do qual não temos quase consciência. São, no essencial as tecnologias do nosso quotidiano que ganham em CARSTEN HÖLLER uma outra dimensão que é oferecida com alguma espetacularidade a um público. Dessa forma, CARSTEN HÖLLER coloca-se como um analista do real e procura inventar uma economia subjetiva que manipula os possíveis. Apesar de operar dentro de um quadro real, com aspetos do nosso quotidiano, o artista procura que as suas criações ofereçam no essencial conexões inéditas que transcendam os territórios existenciais.



CARSTEN HÖLLER, *Decimal Clock (White and Pink)*, 2018



vistas gerais da exposição,  
Carsten Höller, *Dia*, 2021, MAAT



CARSTEN HÖLLER, *Two Roaming Beds (Grey)*,  
2016





## A NATUREZA DETESTA LINHAS RECTAS

por GABRIELA ALBERGARIA

texto Carla Carbone



Uma parede pintada de azul é atravessada, em linha reta, por uma fileira de pequenos ramos suspensos. Alguns deles são provenientes de árvores das florestas de Neuenkirchen, na Alemanha, outros são oriundos das margens do rio Magdalena, na Colômbia, outros ainda, recolhidos nos campos do familiar Alentejo.

A natureza, parece tratada de modo universal, com a mistura de tantas proveniências. Qualquer que ela seja, ou onde quer que ela se manifeste, apresenta leis misteriosas, e de uma diversidade sem limites. A linha reta, que dá nome à exposição, encontra-se lá, mas os ramos, autodeterminados, descrevem as suas rotas, embora dramaticamente interrompidos, embora impiedosamente decepados. Há uma tensão entre as formas ondulantes dos outrora ramos, infinitos, pertencendo ao mundo vivente, e a linha que os mantém fixos à parede. Porém, Irredutível, a linha, no seu trajecto unidirecional, não contém a variabilidade dos ramos. Não controla a sua irradiação, o seu raio, a sua lonjura. A “natureza detesta linhas retas”.

Numa primeira fase, assola-nos à mente o tema do antropocentrismo, e de como o Homem se convenceu de ser o único, e legítimo, decisor no destino das formas vivas. Por muitos anos entendeu ser o centro de todas as coisas naturais. A sua arrogância fê-lo esquecer que ele era parte dessas coisas. Que pertencia à natureza, e não a natureza a ele. Porém, essa necessidade de o Homem controlar, conformar a natureza em seu belo proveito, conduziu-o a um caminho sem retorno. Hoje vive enclausurado num futuro que se anuncia assombrado pela degradação da natureza, e dos seus recursos. Dos quais faz parte, e com os quais não consegue viver.

Os pequenos ramos, dispostos ao longo da linha reta horizontal, também poderiam constituir uma tentativa, da artista GABRIELA ALBERGARIA, em manter a continuidade, em vão, de um pulsar de vida, que ameaça extinguir-se, ou que foi, impiedosamente interrompido. Há ligações entre a primeira sala, e um horizonte que desponta, e desperta como um sonho, como uma janela, ou como uma porta aberta para um jardim. Liga-se assim, a primeira

sala, a uma terceira sala, ao fundo. Como se nos encontrássemos no interior de uma casa, no interior de um antigo gabinete de curiosidades, por exemplo, um wunderkammern, ou, (numa versão mais atualizada), no interior de um museu. De súbito, ao fundo, avistamos, atraídos pela luz, um pequeno jardim. Um jardim na sua plenitude, ou como diria TEOLINDA GERSÃO, um jardim “onde todas as coisas dançam”, onde todas as coisas são possíveis, e onde se encontra uma grande árvore, com todas as suas irridições. Lá se avistam os ramos, com os seus desenhos sinuosos, finalmente traçando percursos perpétuos no ar. Evocando um possível “campo expandido”, ou uma mnesis, celebrando a vida, como uma névoa, em todas as suas variações.

Porém, esses sentidos da natureza redentora, e libertadora. Esse olhar de continuidade e fluidez, próprios da natureza, autoreguladora, e que é corporizado em forma de árvore, cai por terra quando nos aproximamos, e somos confrontados com esse jardim. Verificamos que a linearidade, a continuidade que originalmente atribuíamos à forma natural da árvore, não passa, afinal, de um exercício de enxertamento. De mais uma construção humana, ou, neste caso, de um remendo. É como se ALBERGARIA passasse o seu tempo a consertar os erros de toda uma humanidade. Num esforço permanente de expiação.

Porém tudo parece um jogo entre o natural e o artificial. Desconstruir uma árvore, para reconstruir depois, mas de uma outra forma, segundo uma lógica racional da artista, apropriativa, assente numa condensação de diferentes matérias primas, de diferentes origens, de diferentes lugares do mundo. Indusindo a uma nova cultura. Incansavelmente recriadora da natureza. Como se ALBERGARIA, à luz de EMILE ZOLA, entregasse também à natureza uma nova “alma e um novo horizonte”. Uma nova versão de si mesma. Procurando domesticar o que é selvagem, e estabelecendo uma dualidade entre natureza e cultura.

Os ramos cortados surgem assim, unidos artificialmente uns aos outros, nessa construção mecânica, somente atribuída ao Homem. Somente o Homem pode forçar a natureza a desviar-se

do seu curso. Ou será antes que, a artista, por outro lado, pretendia reanimar justamente esse curso, invariavelmente perdido? Esse passado só reconhecido na infância, como em ALBERTO CARNEIRO?

Em torno dessa árvore reconstruída, perfeitamente manipulada pela artista, e unida nas suas partes, de forma modular, o vazio recua atrás de nós. Constituindo o único habitante do espaço que a envolve. ALBERGARIA torna-nos hóspedes. Recebe-nos amavelmente. Oferece-nos, generosamente, esse vazio, para que o possamos recriar, preencher. Convida-nos a estabelecer um diálogo conosco, com os nossos próprios percursos, quiçá angústias? Sim, o diálogo é conosco. Ajuda-nos a estabelecer as nossas próprias experiências com as obras, uma experiência do e para o corpo. As nossas hesitações, a nossa própria experiência com a natureza, o nosso movimento no espaço, “campo (...) para deleite estético do nosso corpo”.









texto Carla Carbone

Quando se reúne a tradição com a contemporaneidade quase sempre resulta em inovação e criatividade. E é este o caso da Residência Artística que decorre neste momento em Viana do Alentejo.

A residência é promovida pela editora VICARA, marca de design portuguesa, e pela associação PASSA AO FUTURO, associação sem fins lucrativos que tem dinamizado projetos com um principal objetivo, preservar o património cultural e imaterial dos artesãos portugueses.

Nesta primeira fase, quatro ilustradores nacionais, BRUNO REIS SANTOS, MARIANA A MISERÁVEL, MARIANA MALHÃO e JOSÉ COSTA TORRES, juntaram-se à família de artistas ceramistas FELICIANO AGOSTINHO e desenvolveram peças em cerâmica com base nos objetos em barro, típicos desta região.

Com uma boa dose de humor, que é característica destes ilustradores, recuperaram tipologias de objetos como os tradicionais alguidares, os pratos de parede, os potes antropomórficos, entre outros.

↓ →  
MARIANA MARGARIDA MALHÃO



A família, FELICIANO e ROSA MARIA AGOSTINHO, que se encontra neste momento a colaborar com os ilustradores, abriu a OLARIA MIRA AGOSTINHO em 2004, e desde então divide tarefas de acordo com a seguinte tradição: “o homem trabalha o barro na roda e a mulher pinta”. FELICIANO AGOSTINHO começou a trabalhar a olaria tradicional na oficina do pai aos 13 anos, e tem sido, desde esse momento, a sua atividade de eleição. Em 1982 abriu a sua própria oficina, com 14 empregados, mas hoje desenvolve a atividade apenas com a sua mulher.

A par do trabalho na roda, FELICIANO tem concebido também os desenhos que cobrem o barro, e que de seguida a mulher pinta, mas desta vez deu o lugar aos ilustradores para realizarem as ilustrações.

Os primeiros produtos resultantes desta parceria já foram apresentados à comunidade, no espaço Spira, Alvito, no dia 9 de julho, o último dia da residência. Num evento destinado à partilha de experiências e à sensibilização da importância cultural da olaria tradicional para a identidade local.

Mais uma vez estes eventos que aliam a tradição à contemporaneidade, a avaliar pelos resultados agora apresentados, provam que o novo e o antigo não ganham nada em permanecer separados, como aliás defendiam os arquitetos e designers do início do século XX. Desse modo, estas miscigenações culturais afirmam a importância que reside em não haver distinções entre o presente e o passado, e de como estas convergências tornam possível novas abordagens e novos caminhos para o design, assim como uma maior sustentabilidade, quer social quer ambiental, para os artesãos e para as comunidades locais.







↓→  
JOSÉ COSTA TORRES



↓→  
BRUNO REIS SANTOS aka MANTRASTE









## SOLDITA

por ANDRÉ TEOMAN

texto Francisco Vaz Fernandes

ANDRÉ TEOMAN tem nos habituado a aparecer regularmente com novos projetos de design, que estão na fronteira da arte. Geralmente aparecem em séries e muitas das vezes concentram-se na exploração de uma tecnologia. Muitas vezes são formas de questionar a tecnologia e de a repensar para tirar novas perspetivas não dimensionadas anteriormente. É caso desta nova série a que intitula *Soldadita* onde procura potenciar o trabalho realizado com o ato de soldar. Os objetos surgem com traços laboriosamente trabalhadas a partir dos desenhos que o maçarico permite realizar nas suas superfícies, Algo muito artesanal que vai deixando nas superfícies de base lisas uma proeminência do qual resulta um desenho. Chama-lhe tatuagem porque de certa forma tem o mesmo propósito de deixar um registo no corpo metálico das suas peças. Os seus registos inspiram-se tanto em tatuagens como em rituais de escarificação ancestrais. Ganham uma dimensão primordial que nos convoca até as nossas raízes. Há algo de bruto mas ou mesmo tempo simbólico e até mágico no lado tátil que estes objetos ganham.

O projecto *Soldadita* resulta da combinação de duas palavras portuguesas, solda (soldar) + bonita (bela) e foi idealizado durante o primeiro bloqueio de coronavírus. O designer decidiu combinar seu amor pelo desenho com as habilidades de soldagem de um amigo e produtor local, tornando todo o projeto possível sem a necessidade de viajar. Com este projecto a soldagem passa a um veículo criativo que transforma objetos mundanos em algo lindamente decorado. As tatuagens ou escarificações inscritas nesta nova série contam no essencial a história da terra, do fogo, da água e do vento, os quatro elementos primários necessários para trabalhar os metais desde a idade medieval.







# Alter-Realidades: Paisagens, Cuidado, Produção e Vivências

texto Carla Carbone  
fotografia Renato Cruz Santos



A Porto Design Biennale 2021, com curadoria de ALASTAIR FUAD-LUKE, foi veículo para uma reflexão profunda em torno do design ao serviço da sociedade, da sustentabilidade e das comunidades locais.

ALASTAIR FUAD-LUKE já tinha dado provas sérias destas preocupações no seu importante livro *“Manual de Desenho Ecológico”*, publicado há quase vinte anos, mais precisamente em 2002.

Progressivamente a questão ambiental e social tem-se consolidado no setor do design, muito por conta da deterioração do ambiente, e das transformações socio-económicas, que põem em causa, respetivamente, a sobrevivência das espécies e autossuficiência das comunidades. Questões que não podem ser, de todo, ignoradas pelos designers. Por esse motivo ALASTAIR FUAD-LUKE promoveu uma bienal centrada no diálogo, no debate, onde todos os intervenientes na sociedade, poderiam ser ouvidos. Não só designers, artistas, artesãos, pensadores, mas também o cidadão comum. Numa perspectiva de design para todos.

No mote *“Alter-Realidades: Paisagens, Cuidado, Produção e Vivências”*, o curador procurou dar um “enfoque ecologicamente plural”, onde não existisse apenas um caminho, ou uma solução, para o design, mas uma probabilidade de caminhos e soluções possíveis. Tendo em vista, nos projetos da bienal, as pessoas, o respeito pelos recursos naturais ainda existentes, a cultura local, o sistema sociopolítico, as condições económicas locais. SAM BARON e CAROLINE NAPHEGYI, curadores convidados, conceberam projetos que tiveram como princípio, e com base na reflexão e diálogo, o estreitar de modos de ver, e de conceber projetos, entre a França e Portugal.

A BIENNALE DO PORTO, desde a sua primeira edição, em 2017, tem colmatado o vazio deixado pelas edições da EXPERIMENTA DESIGN, que, durante mais de uma década constituiu um barómetro das correntes nacionais e internacionais do design.

Fizeram parte integrante do evento os projetos e exposições: *“Museum of Vibrant Matter”*, *“Autre”*, *“Peripheral Perspectives”*, *“Voices from the Atelier”*, *“Wilde Care”*, entre outros.



↓ →

*Autre*, Museu Nacional Soares dos Reis, Porto







↔  
*Museu da Matéria Viva,*  
 Casa do Design, Matosinhos





ECOS  
ECOS  
ECOS  
ECOS  
DE OUTONO  
CDS

texto Carlos Alberto Oliveira

O calor do verão esvai-se aos poucos. O outono ecoa lentamente nos dias e nada melhor do que ter à mão um punhado de discos para nos fazerem companhia. Estas são algumas sugestões.



O novo disco dos portugueses SENSIBLE SOCCERS, *Manoel*, já está disponível desde dia 1 de outubro. Adivinham-se paisagens coloridas com sensibilidade e melodias que enchem a alma, mapeamento imprescindível para a banda sonora ideal dos nossos dias.



Os australianos RUFUS DU SOL regressam às edições de discos com o seu quarto álbum de estúdio. O álbum *Surrender* chegou recentemente às lojas. Eletrónica elegante que não dispensa uma gigante bola de espelhos.



Também recentemente foi lançado o novo disco dos PARQUET COURTS, *Sympathy For Life*. Na mira estão as heranças rock da fervilhante Nova York.



*Jardim da Parada* é o nome do novo álbum dos portugueses THE HAPPY MESS e saiu dia 8 de outubro. O disco conta com a colaboração de CAPICUA, RODRIGO GUEDES DE CARVALHO, RUI REININHO e JOSÉ LUÍS PEIXOTO, entre outros convidados. Não será surpresa encontrar neste novo registo da banda, ecos da melhor pop que se fez nos anos oitenta, do século passado. E isso é muito bom.



O novo álbum de HERBERT Musca é mais uma sensacional novidade para o final de outubro. *Musca* reflete os sentimentos mais íntimos de uma relação enquanto o mundo está em turbulência, comentou o artista.



Os americanos THE WAR ON DRUGS vão lançar o seu novo disco *IDon't Live Here Anymore*, a 29 de outubro via Atlantic. Ambientes ternos e melódicos perfeitos para o outono que a pouco e pouco se instala.



DAMON ALBARN dos BLUR e dos GORILLAZ prepara-se para lançar o seu novo disco a solo *The Nearer the Fountain, More Pure the Stream Flows* a 12 de novembro pela Transgressive. Orquestrações perfeitas para ouvir e repetir. Vezes e vezes sem conta.



A fechar a lista de novidades, os HELADO NEGRO lançaram o seu novo álbum *Far In*, com a chancela da 4AD. Ritmos quentes e solarengos perfeitos para um entardecer relaxante, no conforto da nossa casa.

WOW

WORLD OF WINE

texto e fotografia  
Adriana Veríssimo Silva

O mais recente quarteirão cultural do grande Porto chegou este ano com 7 novos museus, várias lojas e novos e emocionantes restaurantes que lhe deixaram inúmeras oportunidades de desfrutar de novos momentos tanto a solo como em família. Situado na zona histórica de Gaia e com uma visão privilegiada sobre a cidade do Porto, tudo promete para ser algo digno de pelo menos uma visita. O melhor ponto de partida para começar toda esta descoberta é o museu PORTO REGION ACROSS THE AGES, que conta a história da região do Porto a partir de documentários sobre invasões e batalhas, aventuras em caravelas e viagens em elétricos.

Se o seu fascínio por história não for saciado pelo museu anterior, tem ainda o THE BRIDGE COLLECTION que contém no total cerca de 2000 peças para explorar a história da humanidade contada através dos elementos que rodeiam o vinho. Da viticultura portuguesa ao globo, apure os sentidos e viaje no museu THE WINE EXPERIENCE, o maior de todo o complexo e de visita obrigatória para os amantes do vinho. Para o deleite das crianças dentro de nós, temos o PLANET CORK, um museu interativo, divertido e pedagógico, que conta a história do líder mundial de produção portuguesa, a cortiça.

Para os amantes da moda, temos dois andares repletos da história têxtil portuguesa, dando-nos a conhecer como esta influenciou e continua a fazê-lo, principalmente no norte de Portugal. Da filigrana, ao calçado e à roupa, este museu é um elogio ao talento nacional, repleto de grandes nomes do design português como LUÍS ONOFRE, ALVES E GONÇALVES e ALEXANDRA MOURA.

Se gosta de chocolate, este sexto museu é para si, THE CHOCOLATE STORY, engloba todo o processo de se fazer chocolate e junta-o com a magia da aprendizagem a partir de workshops de degustação. É de ficar com água na boca. Já para quem gosta de vinho, dar umas boas risadas e de cor de rosa, vai adorar o PINK PALACE. Um vibrante mundo de experiências e cenários extravagantes que pedem cliques fotográficos, acompanhados por provas de vinho, que ajudam a captar toda a abundância e riqueza do vinho Rosé. Estes são apenas algumas das inúmeras curiosidades deste quarteirão, sendo todos acompanhados por lojas onde se concentram talentos nacionais criteriosamente selecionados, a diversão está garantida!



WOW  
Rua do Choupelo. 39  
Vila Nova de Gaia  
T. 220 121 200



texto Rafael de Sousa Vicente

fotografia Ptter Venturin @ptter.v

stylist Mauro Osório @\_mauroosorio

Teresa Silva @tmfsilva

make-up Tiffany Pinho @makeuptiffanys

hair stylist Mauro Osório @\_mauroosorio

Tiffany Pinho @makeuptiffanys

modelo Sasha Kholkina @elite\_lisbon

Casaco e Camisa à cintura @duartebrand

Sapatos @bershka

Adereços da produção

# DUARTE

# BRAND

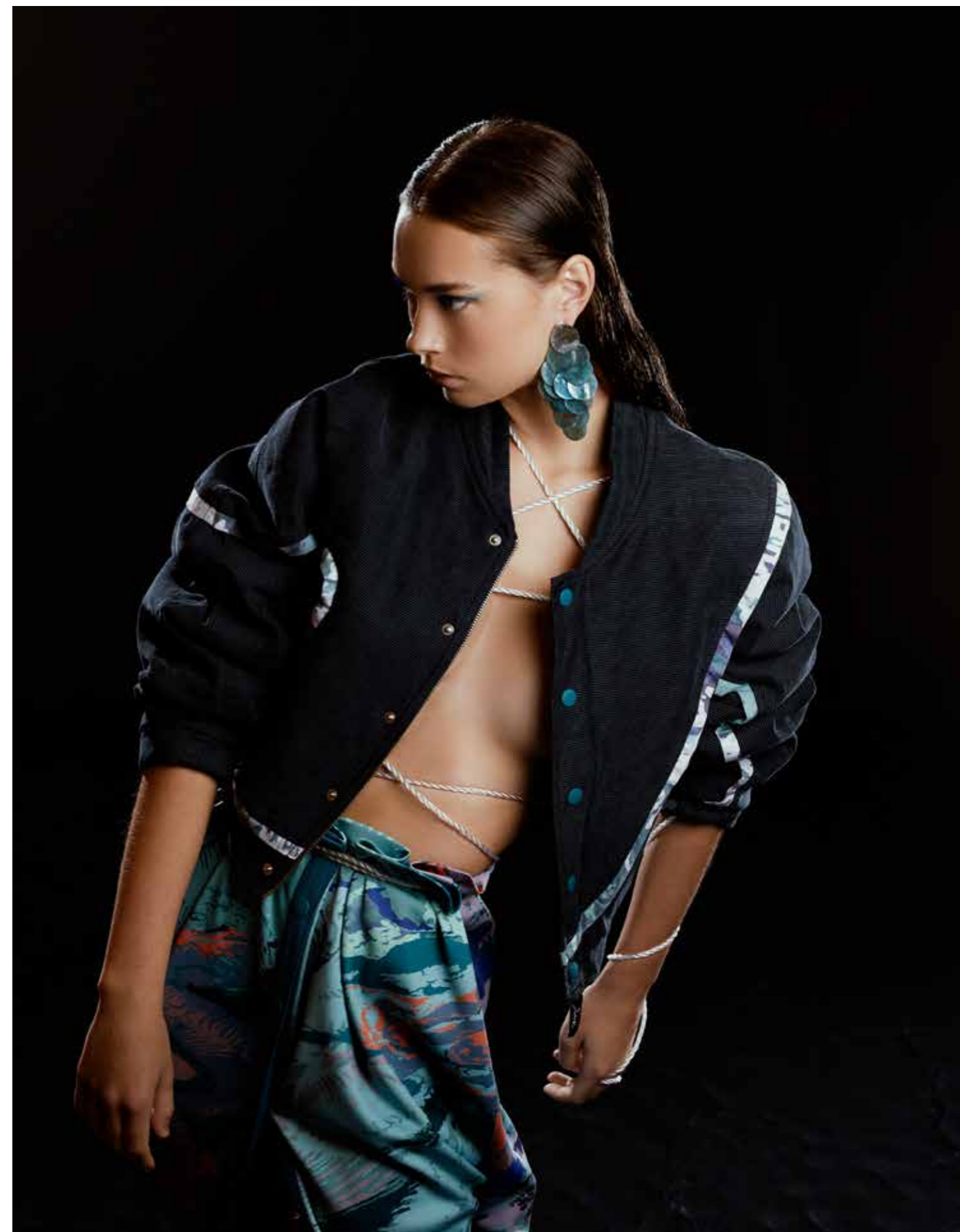
DUARTE BRAND venceu a junho deste ano o Icon Award 2021, atribuído pela C.L.A.S.S., um prémio que destaca designers criativos que, em particular, promovem os valores de sustentabilidade. ANA DUARTE, fundadora e diretora criativa da marca de streetwear, é a imagem desta nova sustentabilidade, sempre responsável e transparente, mas mais dinâmica e criativa.

A designer apresenta-nos coleções aventureiras –tanto no conceito como na criação–, fundido na passerelle matérias como linho e tecidos técnicos waterproof, e levando-nos a destinos como

o Evereste, Mavericks ou um deserto como Atacama. Uma demonstração de que a aventura pode ser responsável, acontece por exemplo quando a viagem se cruza com a Grande Barreira de Coral na sua coleção *AW21 REEF*. A DUARTE deixa-nos mergulhar e desfrutar a coleção, mas lembra-nos a preservar esta natureza.

Revela-se criativa nas soluções para combater os problemas ambientais criados pelo homem, quando envia o seu cão neste combate, o Tadao, Guardião do Mundo, na sua mais recente coleção a *SS22 World Keeper*.

DUARTE BRAND está a redefinir a linguagem de streetwear, e a surpreender-nos. Atribui-lhe uma identidade distinta e reconhecível, de cores e padrões vivos, frescos e espontâneos, mas consistentes. Criações que desvendam histórias no seu pano e corte, lendo-se na primeira frase, com entusiasmo e certeza: “É Duarte.”





Recebeste o Icon Award 2021 pela C.L.A.S.S. Como te sentes com esta atribuição que, é também um reconhecimento do trabalho que tens vindo a desenvolver no âmbito da sustentabilidade da marca?

👉 Sinto-me honrada por ser selecionada e reconhecida entre todas as marcas emergentes e sustentáveis que se candidataram. É uma oportunidade para dar o próximo passo, sempre com atenção ao que podemos melhorar em termos de sustentabilidade.

Uma das notas por parte da C.L.A.S.S menciona que “(...) mostras uma nova forma de ser cool, no entanto responsável.” Acreditas que para além do papel criativo, podes destacar-te pelo crescente ativismo e promoção dos valores sustentáveis?

👉 Penso que sim e sinceramente acho que esse é o caminho que devemos seguir. Podemos criar tendo sempre em conta o mundo em que vivemos, e fazê-lo tentando não prejudicar o planeta.

Este prémio trouxe-te a possibilidade de durante um ano trabalhares com diferentes parceiros, no desenvolvimento da tua coleção de primavera-verão 2022. Fala-nos sobre esta coleção –desde o conceito à escolha e contacto com novas matérias-primas–, e transporta-nos para os bastidores do que estás a viver durante este processo.

👉 É ótimo poder trabalhar com novas equipas e perspetivas, especialmente quando estamos todos a trabalhar com o mesmo objetivo: criar roupa com qualidade e design, que não prejudique o planeta.

👉 A C.L.A.S.S. acompanhou-nos no desenvolvimento da coleção e 50% dos materiais são fornecidos por eles (era uma das regalias do prémio). Assim sendo temos vários tipos de materiais mais sustentáveis, desde algodões orgânicos, a tecidos feitos a partir de garrafas PET e até forros de casacos biodegradáveis.

👉 Penso que a DUARTE é conhecida pelo storytelling de cada coleção. A coleção SS22 *World Keeper*, que apresentamos na Moda Lisboa dia 9 de Outubro, é inspirada no meu cão, o Tadao. Nesta história, ele é o *Guardião do Mundo* e combate os problemas ambientais criados pelo Homem, enquanto tenta manter o mundo seguro, uma pata de cada vez. O nosso protetor da sustentabilidade vai lutar contra o *Homem Smog* (poluição do ar), o *Homem Fogo* (alterações climáticas),

o *Homem Desflorestação* (destruição das florestas) e o *Homem Onda* (excesso de consumo de água). Uma coleção inspirada em comic books com uma energia urbana e cool, e muitas peças unissexo.

As tuas criações são marcadas por escolhas e combinações flexíveis de matérias. Qual a linha de pensamento e processo de pesquisa e criação, que te leva a selecionar tais matérias e a relacioná-las entre si no produto final?

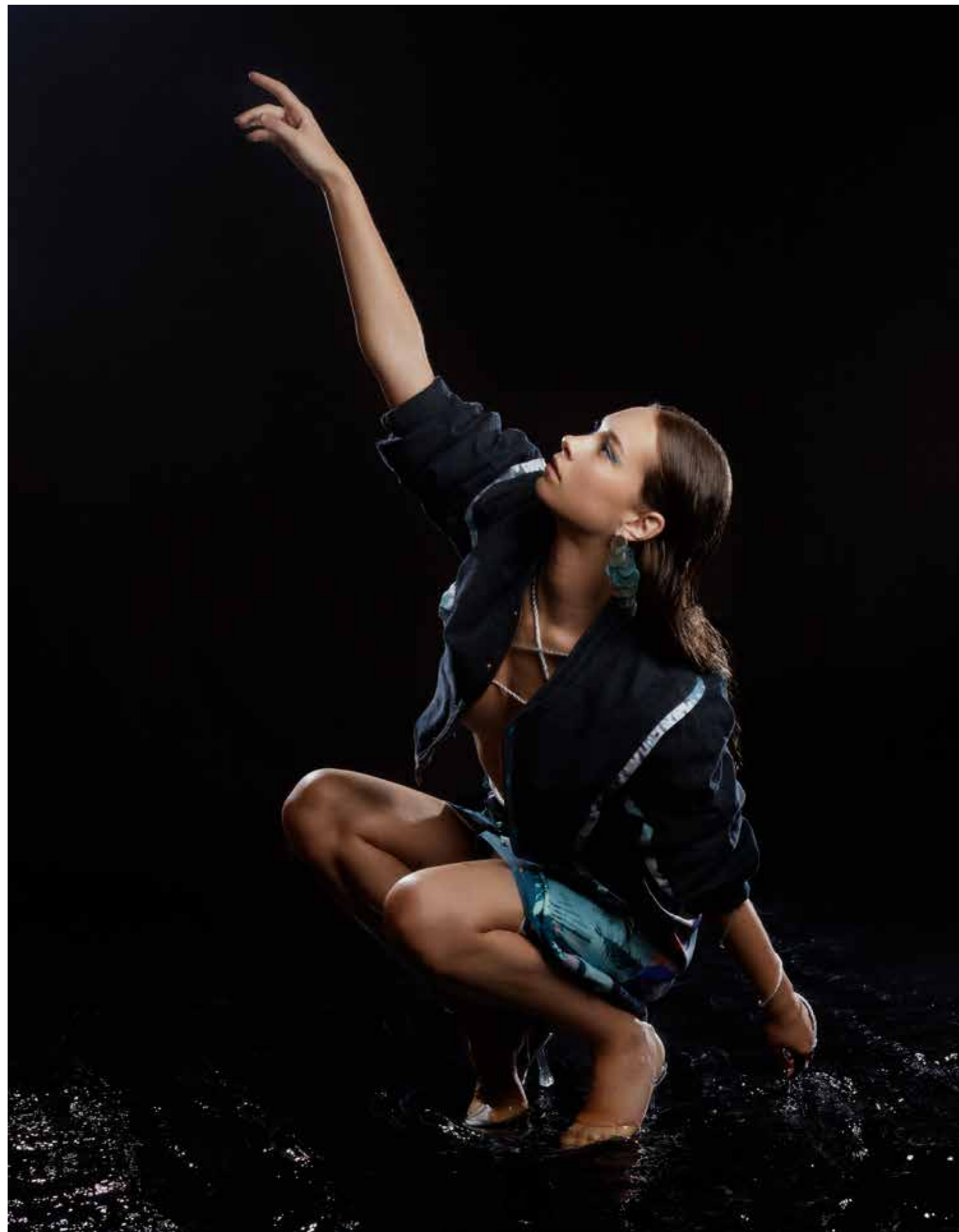
👉 Cada designer tem um processo diferente. No meu caso, começo por pensar a nível de cores e tipos de materiais que gostava de utilizar na coleção. Quando temos a seleção final, experimentamos a conjugação entre eles e acaba por ser um processo bastante orgânico. Testamos a conjugação dos vários materiais e o equilíbrio a nível da cor e quando chegamos a uma conclusão avançamos. Muitas das vezes na peça final os materiais reagem de uma forma diferente e ainda mais interessante e é sempre uma descoberta.

A tua moda é também caracterizada por padrões particulares e já particularmente reconhecíveis. Sendo também ilustradora, com 5 livros publicados, a ilustração em si é linguagem criativa muito específica. Transportas a ilustração para a tua moda, na forma como exploras e crias os padrões?

👉 Antes de mais, obrigada 🙏 Como ilustradora, desenhar e conjugar as cores acaba por surgir de uma forma natural. Quando fiz o primeiro estampado, fi-lo por necessidade, porque não encontrava nenhum material que transmitisse o que queria comunicar.

👉 Cada coleção tem um conceito, por isso cada padrão é criado para comunicar a história que quero contar. Por exemplo, na coleção AW21 *Reef*, tínhamos um padrão com corais em tons vivos e outro em tons esbranquiçados: o primeiro refletia um ecossistema saudável, enquanto que o segundo pretendia alertar para o facto de haver um maior branqueamento de corais, ou seja, para a destruição dos mesmos. Na coleção SS21 *Maui* tínhamos dois estampados inspirados nos eucaliptos arco-íris desta ilha havaiana. Um era em tons claros, que remetia para as praias de água cristalina, e outro em tons vivos que representava as florestas vibrantes.

Casaco e Camisa à cintura @duartebrand  
Sapatos @bershka  
Adereços da produção

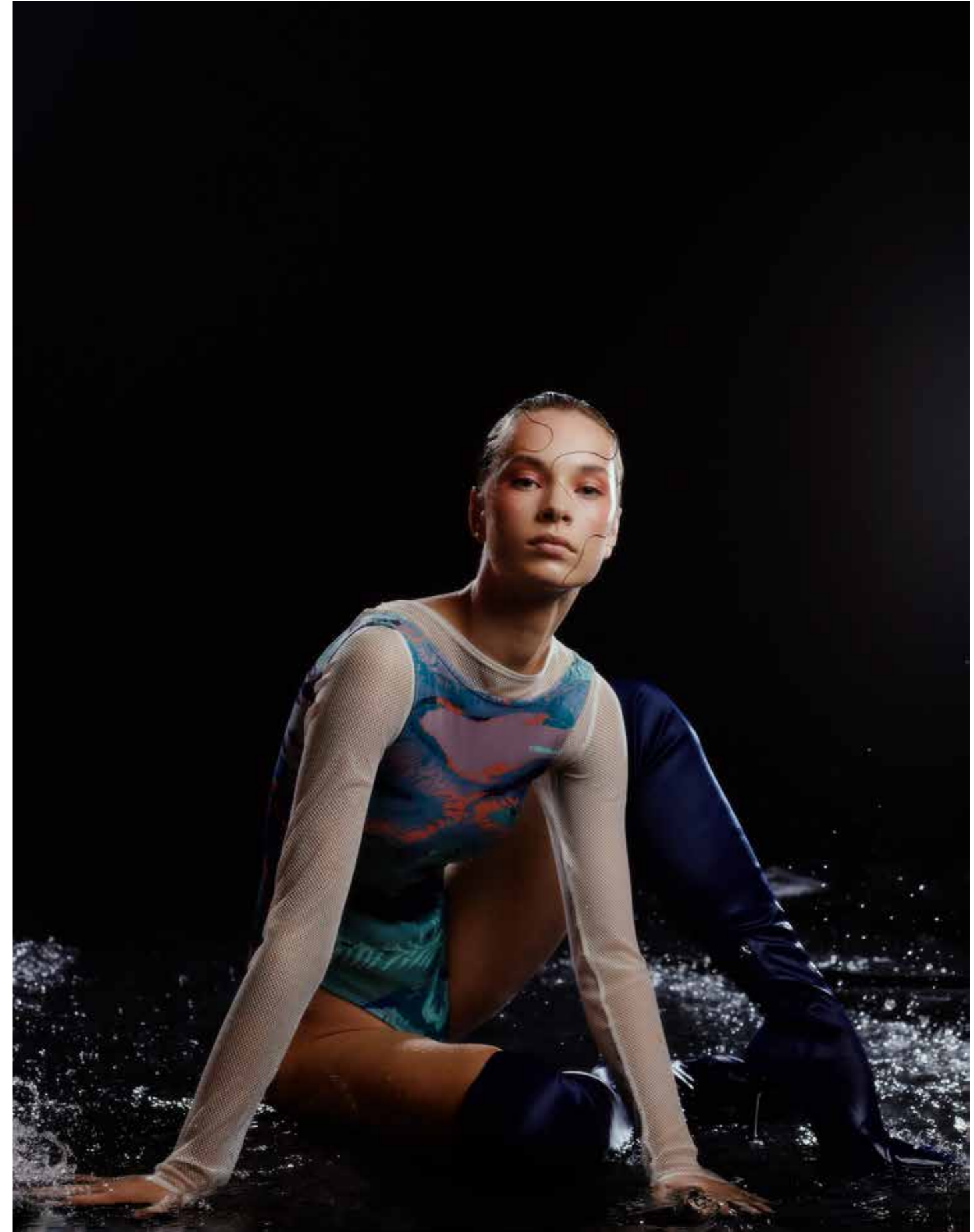




Casaco @duartebrand  
Sapatos @zara  
Luvas e Adereços da produção



Body @duartebrand  
Sapatos @zara





Praticaste Judo durante muitos anos. Transportas este desporto para as tuas criações na relação de forma e movimento?

*D.* Sim, sempre. O movimento do corpo e o conforto e ergonomia das peças sempre foram cruciais para mim. Por isso quando desenho tento criar algo confortável, com design.

*D.* Cresci a fazer competição de judo e o desporto acaba por ser uma grande fonte de inspiração em tudo o que faço.

Estudaste design de moda em Portugal, e completaste o mestrado em Menswear Design and Technology em Londres. Que contrastes sentiste entre uma educação e a outra, a nível de metodologias, visões estratégicas e criativas?

*D.* Em Portugal o meu curso foi bom para aprender as bases. Design de Moda é, por si só, um conceito bastante abrangente, então o curso acabava por abordar alguns temas, sempre com foco no conceito e criação de peças de design.

*D.* Na London College of Fashion, o conceito de cada peça tinha de estar sempre bem fundamentado a nível criativo, mas tínhamos de ser práticos na execução do mesmo. Incentivaram-nos a criar a nossa rede de contactos e a pensar a nível comercial. As peças teriam de ficar prontas para vender numa loja, e não as deveríamos considerar protótipos. O facto de ter de procurar novas parcerias e pensar a nível comercial, ajudou-me a estruturar a marca mais tarde.

O que te levou a aprofundar o estudo na criação em menswear?

*D.* Na licenciatura só aprendemos a fazer roupa de mulher. Quando cheguei ao meu 3ºano sentia-me de certa forma presa a uma estética que não relacionava comigo. Sempre fui mais desportiva na roupa que usava e sempre gostei mais de roupa de homem, então decidi arriscar e comecei a desenhar roupa de homem também. Foi assim que percebi que era o que mais gostava e que queria explorar mais.

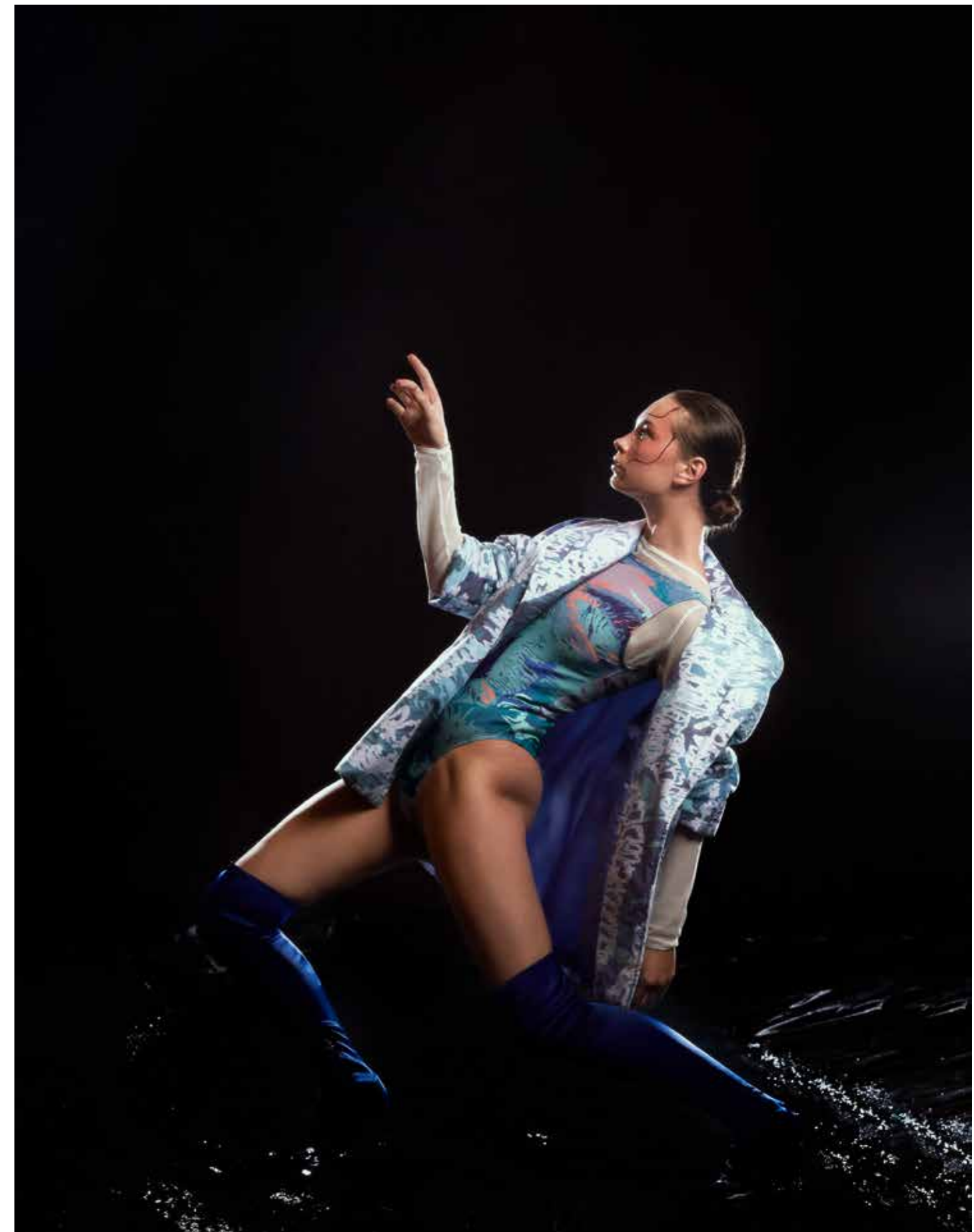
A tua marca está a ser abraçada por diferentes personalidades portuguesas, desde a televisão à música, por exemplo. Esta estratégia está a resultar numa maior aproximação e reconhecimento por parte do consumidor em relação à DUARTE?

*D.* Sim, é sempre bom ver que as pessoas se relacionam com a nossa marca. As celebridades, músicos, etc, acabam por ser um ponto de contacto direto com o público e conseguimos chegar a uma audiência diferente e mais abrangente.

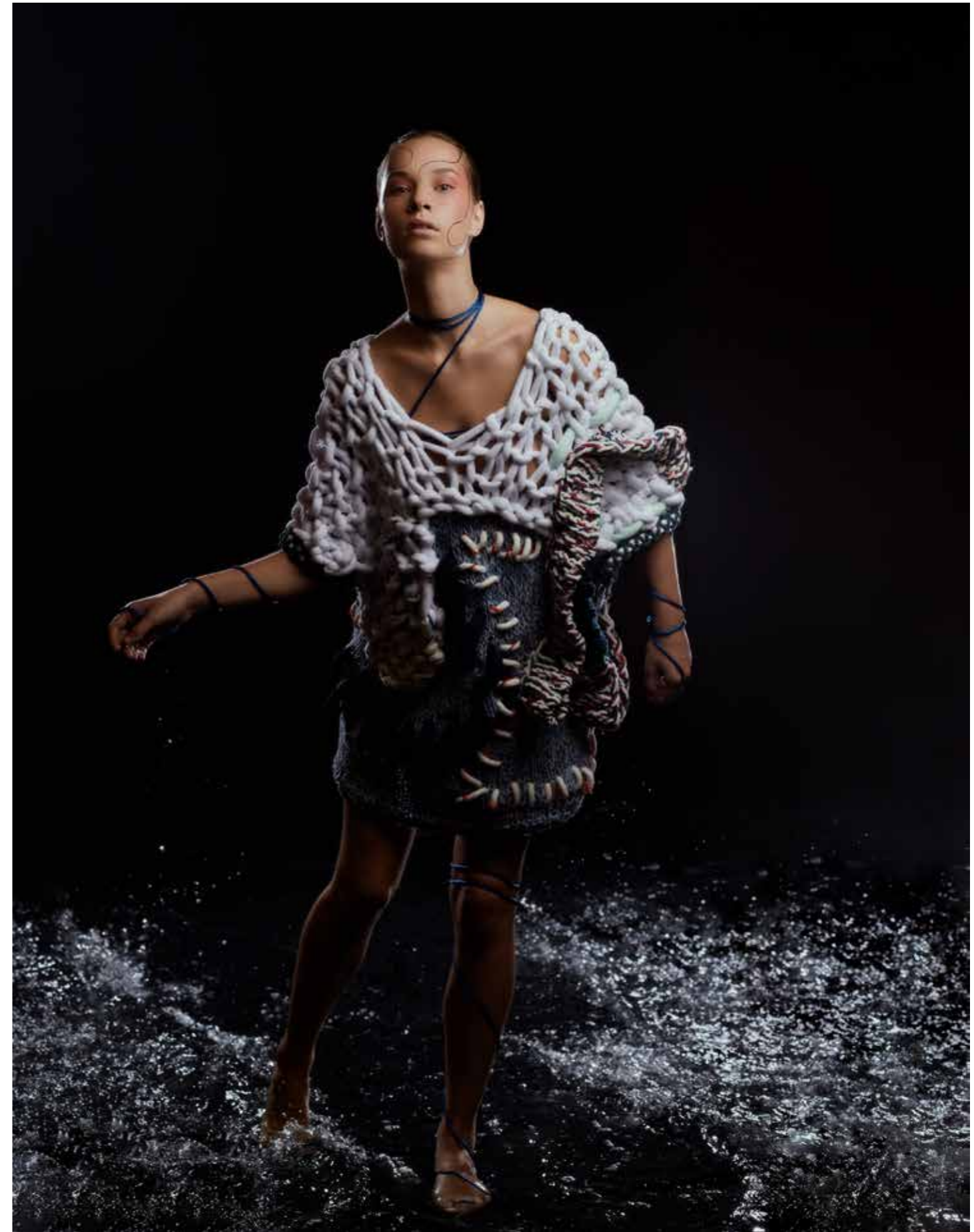
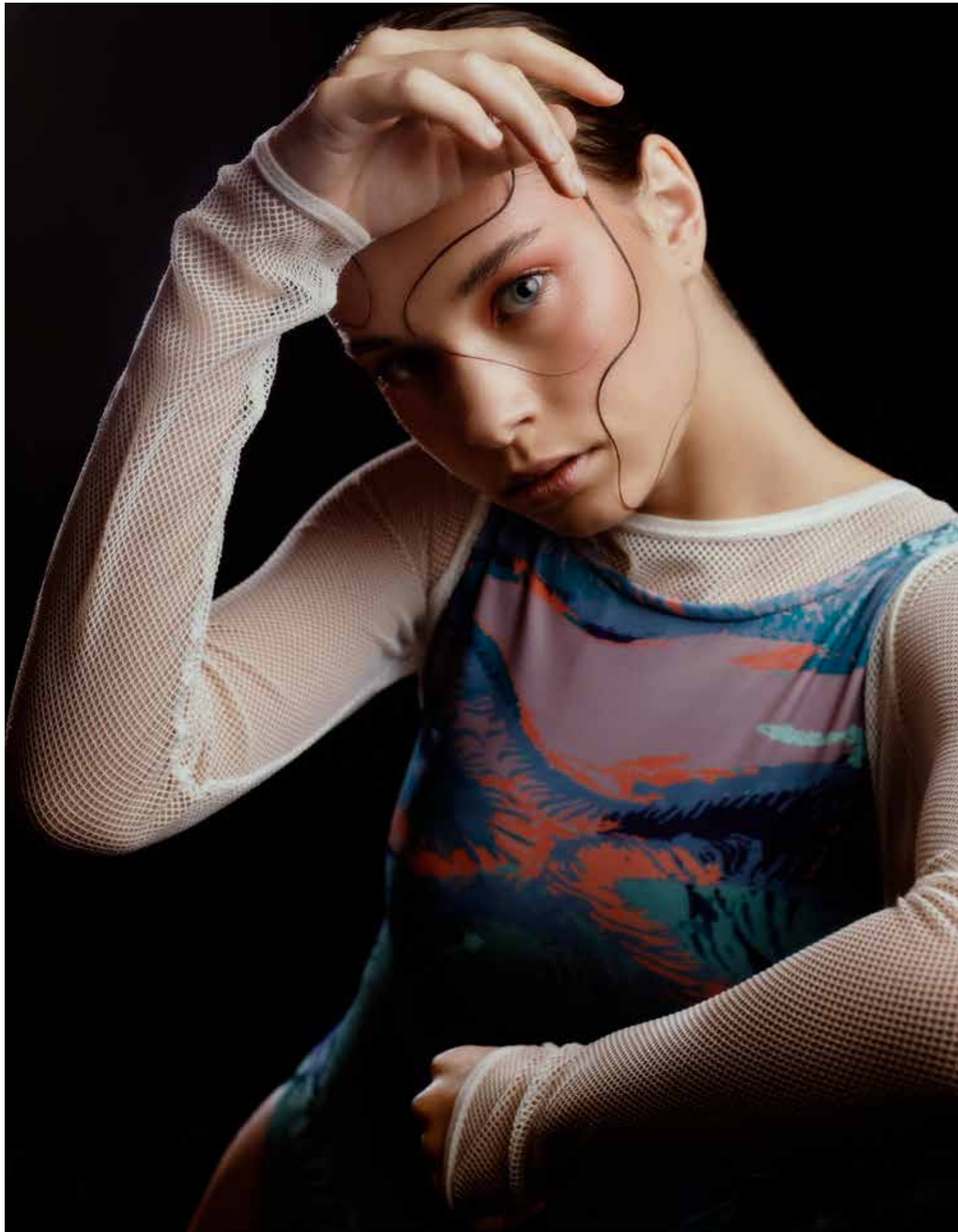
Quais os próximos passos para a DUARTE BRAND?

*D.* Gostava de internacionalizar e arranjar lojas fora de Portugal.

*D.* Esse é o objetivo principal para o qual estamos a trabalhar, sempre com a sustentabilidade em mente, tanto a nível económico, como ambiental e social.









texto Fábio Braga  
fotografia Guilherme Lucas @\_glucas\_  
stylist Alexis Robert @alexisobert\_rx  
modelo Maximus Lafayette @kidlafayette  
@dabandamodelmanagement

# AME848



O streetwear é, e será sempre, o universo de estilo que reflete os sintomas e as necessidades mais atuais da moda enquanto comportamento de consumo. Termos como sustainable upcycling passaram a estar na ordem de trabalhos de diversas marcas cujo objetivo é moldar padrões de produção com menor impacto ambiental; e é com este mesmo propósito, o de reinventar uma indústria mais consciente de si mesma, que ALEXIS ROBERT-CHARRUE criou a AME848.

O ponto de partida do designer? Peças de roupa que já existem, que foram descartadas pelos seus donos ou que encontra numa qualquer loja de artigos em segunda-mão. A partir daí, o processo de produção —ou reinvenção— é relativamente simples: estampar, recortar ou adicionar novas partes com o objetivo final de transformar as peças num produto totalmente novo, contemporâneo, exclusivo e de alta qualidade. Cada peça é, portanto, singular, como a personalidade do público urbano a quem se destinam as criações da AME848.









# MISS DOCKERS

texto Maria São Miguel



Depois de 35 anos no mercado, a DOCKERS apresenta esta estação a sua primeira coleção de mulher! Assente na linha de homem, que revolucionou o estilo masculino durante vários anos, esta coleção é igualmente feita com recurso a técnicas sustentáveis e materiais orgânicos. O conforto é a palavra de ordem, como já é habitual da marca. Várias peças inspiradas no estilo Califórnia Cool, em tons neutros e sem padrões, para que sejam versáteis e adequadas a todas as ocasiões.





## FUNFETTI

texto Maria São Miguel



Continuando a celebrar o seu 40º aniversário, a MERRELL apresenta uma versão comemorativa das botas de caminhada mais populares do mundo, as *Moab 2 Mid*, numa série limitada desta lenda dos trilhos que já foi usada por mais de 20 milhões de pessoas em todo o mundo. Desenhadas para celebrar quatro décadas a tornar o ar livre mais acessível a todos e a própria comunidade MERRELL que, em conjunto, sempre fez tudo para que isso fosse possível sem esquecer a diversão e boa disposição, as botas *Moab 2 Mid Funfetti* proporcionam conforto out-of-the-box graças à tecnologia à prova de água e gáspeas duradouras, para além da palmilha com tecnologia *M Select™ FIT.ECO+* para maior suporte e sola de tração única *Vibram®*, que nesta versão surgem pintadas de confettis.



## UPCYCLED

texto Maria São Miguel



Com a coleção de cápsula *upcycled*, a GANT volta a sua *REMAKE: Tailoring Edition*. Desta vez vem celebrar a tradição do patchwork e técnicas artesanais, partindo da reciclagem de vestuário de coleções passadas e de tecidos de deadstock, criando peças únicas e expressivas. Os power suits dos anos 80 são uma inspiração fundamental para esta coleção —silhuetas contemporâneas, ombros largos e lapelas largas que são combinados com calças volumosas de patchwork em alfaiataria tradicional, fazendo uma abordagem à moda circular. As malhas *Fair Isle Blocking* têm como inspiração os sweaters icónicos de baseball que se refletem em divertidas combinações de cores e riscas. A coleção cápsula *REMAKE: Tailoring Edition* está disponível online a partir de 21 de Outubro.





## REVOLT

texto Maria São Miguel

A nova linha *Revolt* da PALLADIUM surge nesta estação como resposta para todas as fãs da marca que estão habituadas a criar as suas regras, em vez de seguirem as dos outros. As irreverentes botas *Revolt* destacam-se onde quer que estejas, graças à estrela da coleção, a sola chunky exagerada que te eleva a novos patamares. Seja em pele ou em lona, os modelos *Revolt Boot* estão disponíveis em preto ou verde tropa com detalhes laranja, numa verdadeira homenagem aos dias de glória da era punk-rock. Igualmente inspirada na estética militar, a versão *Revolt Hi Tx*, em lona, de cano mais curto, está ainda disponível em branco ou vermelho.



## MON AMI

texto Maria São Miguel



O *Ami* da CITROËN é um ultracompacto elétrico de dois lugares, criado para mudar o paradigma do transporte dentro das cidades, bem como o preço dos carros elétricos. Com efeito, este será o carro elétrico mais barato a chegar ao mercado português em 2021. O carro elétrico low-cost será comercializado online, com entregas ao domicílio. Com zero emissões e carregável na tomada de casa em 3 horas (0-100%), o *Ami* estará disponível em França, a partir de 6.900€, sendo previstas prestações mensais de 19,99€, com entrada inicial de 2.644€ e este será o seu grande trunfo em relação a toda a sua concorrência. Esteticamente irreverente este carro que a primeira vista torna difícil perceber onde está a frente e a traseira permite uma série de personalizações na hora da sua encomenda. Ou seja cada um "veste" o modelo a seu gosto, é fácil perceber a aposta nos clientes mais novos.

Em boa verdade, não é um "carro", mas sim um quadriciclo elétrico que, como tal, não necessita de carta de condução. Poderá ser conduzido por maiores de 16 anos e o seu habitáculo é extremamente simples, reduzido ao estritamente essencial. O pequeno CITROËN aposta no carácter prático das suas soluções, desde a forma como concentra as poucas informações prestadas ao condutor num reduzido painel de instrumentos, ao modo como recorre ao smartphone para desempenhar o papel de ecrã central, através do qual se acede ao sistema de navegação, selecionar música e até... telefonar. Não será um carro para grandes corridas mas pode percorrer uma distância de 70km a 45km à hora.



# BELEZA

texto Sara Madeira



## BILLIE EILISH FRAGRANCES

Billie Eilish lança o seu perfume tal como era habito entre as grandes estrelas dos anos 90. Quis que fosse uma fragrância muito pessoal que lembrasse os aromas da cozinha da sua casa materna. Saiu então algo açucarado, com aromas de tangerina e frutos vermelhos, com especiarias suaves, cacau e baunilha cremosa e notas de fundo como almíscares quentes e odores amadeirados. Fragrância chega ao mercado em novembro.



## SCANDAL HIM

Depois de Scandal para mulheres, a maison Jean Paul Gaultier lança um e Natalie Cetto que procuraram encontrar um perfume amadeirado oriental totalmente moderno. Para começar, foram buscar a frescura "golpeante" da salva e da tangerina combinado como uma overdose de fava-tonca extremamente viciante, contrastando com vetiver sensual que traz a força vibrante da madeira. Vai deixar qualquer um K.O.



## CONSTANTINOPLE

Constantinople é a mais recente fragrância de Penhaligon's, que se vem juntar ao universo Trade Routes, que se inspira na história britânica (viagens e explorações pelo mundo). Uma fragrância unissexo, desafiadora, vibrante e intemporal. É um amadeirado e Oriental onde o floral se encontra com a terra. A íris opulenta encontra-se com o musgo terroso com um toque doce de baunilha.



## YVRA 1991

A marca de perfume com sede em Amesterdão, YVRA, lança um antídoto para a vida online numa época em que contacto virtual prevalece. A fragrância procura lembrar as sensações anteriores a 1991, quando o mundo era explorado fisicamente, não virtualmente. É um perfume premium, poderoso, aromático e fresco graças aos aromas de bragamota que se misturam com o alecrim que se misturam com o gerânio e cardomo, tendo com base aromáticos profundos como o musgo de carvalho, a madeira de cedro sândalo e âmbar.

## O ATELIER DOS SONHOS

Como é habitual, a Dior lança para as festas de fim de ano um conjunto de edições especiais. Sobre o nome The Atelier of dreams, este ano comemoram o edifício sede da Dior no 30 da Avenue Montaigne em Paris e a fachada aparece representada de diversas formas nos novos produtos que apresenta vermelhos intensos para os lábios e cores metálicas para as sombras, nos olhos.



## EXPLOUD

O pequeno grupo de perfumistas italianos, Laboratorio Olfattivo, chamou Pierre-Constantin Guéros, da gigante Symrise, para criar um perfume único baseado no incenso, um das matérias primas mais preciosas na perfumaria. Guéros conhece muito bem o médio oriente e já é celebre pela capacidade que tem de potencializar esses aromas que eram exclusivos dos reis e dos deuses. ExpLOud é pois uma explosão misteriosa e sensual que combina, incenso com as especiarias e tons florais como magnólia e gardénia.



## VELVET

Le Rouge Sheer Velvet incorpora toda a modernidade e elegância da Maison Givenchy. Como um precioso acessório de moda, o estojo é revestido em veludo de jacarandá, refletindo o seu acabamento sensorial, espelha a estética dos códigos da Maison para melhor reivindicar o seu património Couture. É um batom cuja base e a tampa são reutilizáveis. Para este fim, a Maison desenvolveu um sistema exclusivo que torna possível o recarregamento do produto. As recargas estão disponíveis nos quatro tons mais icónicos da Maison, incluindo o famoso N°37 Rouge Grainé.



## ROYALE

Os produtos das abelhas são algumas das substâncias de revitalização natural mais eficazes do mundo. A Pesquisa GUERLAIN tem trabalhado continuamente com o mel e a geleia real para criar Abeille Royale: um programa de cuidado da pele que comprova cientificamente a sua capacidade excecional de minimizar os sinais visíveis do envelhecimento da pele. Lança agora o Advance Youth Watery Oil, um óleo altamente eficaz que permite que a pele se repare 9 vezes mais depressa. A pele fica visivelmente preenchida, mais suave e mais iluminada. De manha ou a noite bastam 2 ou 3 gotas aquecidas entre as palmas das mãos antes do sérum.



















Ao décimo terceiro disco de estúdio, os LOW aprofundam ainda o caminho desbravado por *Double Negative*. Deve-se à continuidade pela procura de novos ângulos, na abordagem abstrata dos temas classicamente enquadrados no *SlowCore*, inegavelmente a imagem de marca de banda, que faz de *HEY WHAT* um refrescante bálsamo de novas canções.

## LOW DIGITALISMO ORGÂNICO

texto Carlos Alberto Oliveira



Recorrendo novamente ao produtor BJ BURTON, a banda usa uma vez mais o ruído eletrônico, distorcendo os átomos das notas, enquanto as vozes de MIMI PARKER e ALAN SPARHAWK sussurram as suas lamentações. A melancolia colora o ambiente, mas a intensidade das letras, como é usual na banda, potencia o poder dos temas.

Embora nunca tenham feito um mau álbum, o predecessor do seu novo disco marca o ponto alto da sua criação. Não será estranho que a banda expanda os caminhos aí traçados. O resultado transporta-nos para um universo alienista de ficção científica onde a tecnologia

eletrônica e os instrumentos analógicos funcionam biologicamente. A faixa de abertura do disco, *White Horses*, encaixa-se na perfeição no desbravamento desta paisagem.

Levar a distorção ao limite, misturar texturas sonoras nas matrizes das canções, vestindo-as de um minimalismo absoluto, tornou-se a espinha dorsal das suas canções. *All Night* explora este conceito numa sufocante distorção digital, que ao invés de nos afligir nos liberta. Como quem expande uma imagem digital ao ponto de criar píxeis gigantes, numa libertadora desfocagem de si próprio. A contradição reside neste espaço como se os contrários pudessem convergir para o mesmo ponto.

Os cortes abruptos da melodia, acompanhadas alternadamente pela distorção digital da guitarra, são o olho do furacão dos singles *Disappearing* e *Days Like These*. Embora neste último prolongue o murmúrio das vozes após o clímax da canção, alcançado um pouco depois do meio da mesma. Não deixa de ser impressionante a presença da ternura, e de certa forma a existência de uma candura. Dir-se-ia que são estes os elementos biológicos destas canções.

Vocalmente, *I Can't Nail* conjuga como nunca as suas vozes, criando ambientes extraordinariamente etéreos. Esta perfeita simbiose é novamente alcançada em *Hey*, e até mesmo em *Don't Walk Away*, impregnando as letras da emoção intensa que estas músicas encerram. Como se de um manifesto extrassensorial se tratasse. Assemelhando-se à quebra de barreiras dimensionais, onde o equilíbrio entre a matéria orgânica e digital possa coexistir. A realidade mora entre estes dois mundos.

*More* é provavelmente o tema mais agressivo do disco. A distorção é rude e crua. A voz é um grito ao céu noturno estrelado. Como um sinal enviado ao cosmos. Provavelmente é por essa razão que antecede o tema final do disco. *The Price You Pay (It Must Be Wearing Off)* despede-se numa crescente ode com a emoção à flor da pele. Elevam-se as energias fluidas num crescente som supersônico tingido de cores digitais. Explodindo como uma supernova a meio da canção, destruindo o universo obsoleto, para nesse vácuo nascer um desconstruído mundo-novo.

*HEY WHAT* desafia o tempo e o espaço. A forma e a matéria tal como a conhecemos. O novo disco dos LOW é desestabilizador, retira o absolutismo da realidade, não oferecendo resposta às questões existenciais, mas sim novas perguntas, que desafiam as leis da normalidade, do equilíbrio e das forças que o regem. Razão mais do que suficiente para encarar este álbum como um dos mais revigorantes dos últimos tempos.



GADUTRA, artista multi-facetada do Rio de Janeiro, chegou a Lisboa em 2017 e desde então tem deixado a sua impressão digital em diversas áreas criativas. Tatuagem, pintura, ilustração e música são os campos onde mais tem investido. Com apenas 26 anos, uma licenciatura em Ciências da Comunicação (FACHA-RJ) e uma pós-graduação em Ilustração (ESTAL), foi ocupando o seu espaço em paredes de galerias e bares, na pele de pessoas, ou nos palcos. SOFIA SEIXO GARRUCHO estava à conversa com a artista para perceber melhor o seu percurso.



## GADUTRA E A BUSCA POR UMA IDENTIDADE

entrevista por  
Sofia Seixo Garrucho

Já tatuavas no Rio de Janeiro ou começaste aqui, em Lisboa?

GADUTRA Sim no Rio já tatuava e produzia eventos. Comecei a tatuar um ano antes de vir para cá, no final de 2015. Na verdade, agora estou completando seis anos, exatamente este mês! Mas na música já tocava com 15 anos, era bem precoce e já fazia até uma guita com isso.

Foi graças à tatuagem que encontrei a pós-graduação em Lisboa?

GADUTRA Já tinha vontade de estudar arte, porque estudei Marketing no Rio de Janeiro, e queria ter uma formação académica mais artística. Nunca tinha tido nenhuma formação em arte mas já tatuava, então entrei em Ilustração para entender como isso podia afetar a tatuagem. Decidi ficar em Lisboa depois de dois meses a percorrer 11 países da Europa. Em todos fiz tatuagens. Estava a pensar voltar para o Rio quando comecei a namorar um menino em Lisboa, arranjei um estúdio e meio que tudo casou e eu falei “eu vou ficar aqui”.

Quais as maiores diferenças entre a cena musical do Rio de Janeiro, doutros países europeus e a portuguesa?

GADUTRA A escala é muito diferente. Mesmo que a minha realidade no Rio fosse mais periférica, vinda da zona norte da cidade, a primeira festa que eu organizei teve duas mil pessoas! Já planeava festas para 8 mil pessoas. Os números lá são muito diferentes. No Rio há festas grandes que são boas. Aqui eu sinto um pouco a falta disso, coisas que sejam grandes e boas. Aqui coisas que se consideram grandes são muito pequenas, o que faz sentido para a cidade, mas eu estava mais acostumada a milhares de pessoas. No Brasil há muita gente fazendo coisas muito diversificadas e eu sentia que lá há uma maior facilidade de conectar com pessoas e isso gera muitas possibilidades. Aqui eu sinto que existe quase como um “vício”, de uma panelinha, de uma coisinha de que são sempre as mesmas pessoas.... Aqui, quando eu cheguei, fui a 10 estúdios onde queria tentar trabalhar e fui a todos no mesmo dia. Eu lembro-me de que foi muito engraçado porque eu ainda não conhecia os códigos de conexões daqui. Lá no Rio eu chegava e pensava “pô, gostei muito deste espaço” e a pessoa de espaço “ai é? Bora marcar uma reunião para a gente se conhecer”. Aqui eu percebi que as pessoas ficam “calma, quem é você?” e faz sentido. Eu acho que há mais vontade de criar coisas lá do que cá, por um desespero de sair duma situação ruim de vida, que gera essa super abertura. Isso viabilizava os eventos, a arte...

GADUTRA Aqui é diferente mas também é legal. Eu fiz parte dum coletivo chamado SOMA, que era um coletivo de coletivos. Na nossa maior festa nós tivemos à volta de setecentas pessoas, foi na virada do ano de 2020 na ADAO. Nós nunca quisemos ter casas de banho binárias e nunca abrimos mão disso. Então, muitos dos espaços grandes onde podíamos fazer eventos grandes, não aceitavam, metade dos espaços ficavam cortados. Nós também não queríamos seguranças nas nossas festas, porque nós não acreditamos que as coisas precisem de ser resolvidas assim, ou então só com seguranças mulheres. A gente tinha um conjunto de regras, por exemplo, mulheres que quisessem ficar sem a parte de cima da roupa poderiam, porque os homens se tiverem calor ficam, então a ideia é criar igualdade. E essas ideias foram barradas por muitos lugares e isso foi muito desgastante. Nós tínhamos dinheiro, pessoas, tudo. Mas aí era uma negociação com um sistema viciado num processo muito conservador.

A tua estética é muito própria, tanto na tatuagem com nas ilustrações. Com a tatuagem, qual a mensagem que pretendes passar?

GADUTRA É muito engraçado, porque um dos complexos quando eu cheguei aqui na Europa foi “caraca, qual é o meu estilo?” Isso não existe.





GADUTRA actuando com a sua groove box

A gente não tem o nosso estilo, a gente é o nosso estilo. Quanto mais a gente se conecta com o que a gente quer fazer de verdade, mais expressivo o nosso estilo se torna. Por exemplo, eu trabalhei num estúdio aqui em Lisboa, que algumas pessoas falavam assim para mim “ai, você faz coisas muito diferentes umas das outras, eu nem sei se é uma coisa sua ou não” e eu lembro que a primeira vez que ouvi isso fiquei muito mal, senti muita insegurança. Eu gosto de experimentar, sempre gostei, principalmente na tatuagem, na pintura e no desenho. Eu gosto muito de fazer coisas muito diferentes umas das outras. Eu sabia que isso ia ser uma dificuldade para estabelecer uma legitimidade enquanto artista, só que ao mesmo tempo eu sempre gostei muito mais de criar coisas diferentes. Os desenhos que eu fazia já eram muito diferentes, era uma força tão grande que quase não parava de fazer, sabe? Toda a vez que eu crio uma série nova de desenhos, não tem nada que ver uma coisa com a outra. Só que eu acredito que o nosso estilo vai-se manifestar. Acho que estamos num momento em que as pessoas procuram as singularidades.

Essa busca por uma identidade espelha-se bastante na tua obra gráfica. Por exemplo, aquelas tatuagens e ilustrações que fazes com traços e ondas pretas, esses desenhos são bastante característicos e podemos associá-los logo a ti.

GADUTRA Eu conheço várias artistas que têm um trabalho parecido com esse.. Mas quando comecei nunca tinha tido uma referência de artistas que fazem coisas parecidas com essa. Foi uma coisa que eu fui testando e encontrei. Eu podia ser uma artista que só faz esse tipo de trabalho, mas eu não tenho vontade de ficar só nisso. E se você for tentar entender o mercado de arte, outros desenhos podem deslegitimar de alguma forma a visão sobre a consistência do seu trabalho.

GADUTRA Ao mesmo tempo que eu tenho tatuagens que são desse projeto, dessas manchas pretas, eu tenho outros desenhos que são montanhas com um sol e eles não têm nada que ver um com o outro, apesar de eu já misturar os dois. Pode ter alguém que goste muito mais dos pretos, mas eu não posso fazer nada, porque eu quero fazer os dois. Um dos maiores privilégios que eu posso ter hoje em dia é o meu trabalho com a tatuagem. Eu adoro o que faço, eu vivo muito bem do que eu faço e eu experimento muito. Esse privilégio de poder estar vivendo da tatuagem, me traz uma tranquilidade quando eu vou pintar, quando eu vou produzir ou quando eu vou atuar como DJ. Eu vou fazer só o que eu quero, porque eu não preciso de chegar a lugares. De alguma forma, com a tatuagem, eu já cheguei a alguns lugares que fazem sentido para mim. Eu não preciso de botar essa ansiedade e ser validada na música.

GADUTRA Eu vou lançar um álbum em novembro, que está pronto desde o início deste ano, e é duma onda super experimental. Não tem nada que ver com a música que eu toco como Dj, nada. É noise meditativo, ambient noise. Não tem nada que ver com nada. Se eu fosse a pensar no público que vai gostar... Nossa, não seria isso aí. Mas é o que eu gosto de fazer, é o que quero e vou lançar. Então é legal que eu não tenha essa pressão de “eu preciso que isso funcione”. Na arte não existe muito isso, mas a gente vai sendo driblada por isso, pela validação estética, pelas tendências, pelo que está hype e o que não está hype.

Qual é o teu processo criativo para a produção musical?

GADUTRA Eu adoro produzir música. Só que eu odeio produzir música no computador. Eu nunca parei num Ableton ou num Logic para produzir uma música. Não gosto, acho chato. Portanto, se eu puder não ter o computador, eu não uso. Eu tenho uma groove box que é uma drum machine, um sintetizador, um sequenciador e controladora numa só máquina. Você consegue produzir nela, tocar nela e controlar. É um processo analógico e de hardware. Você vai tocando e ouve o que está tocando, é como um instrumento. Eu gosto muito disso.

GADUTRA Eu também tenho Keys, que é outro sintetizador e todas as músicas deste álbum foram feitas no Ipad. Porque o Ipad tem essa interatividade da mão. Eu diria que é modular, porque você controla com a mão, mas não é, é um Ipad, é digital. Mas assim é muito mais sobre modulação porque





pintura de GADUTRA



pintura de GADUTRA





REZM ORAH e GADUTRA, que formam o projecto REZGATE ©Lucca Vogel

tem uma coisa até meio gráfica que é o dedo mexendo, e eu preciso sentir. Por exemplo, quando eu vejo as minhas amigas produzindo as músicas no Ableton, eu vejo e fico “gente, eu não entendo nada disso”. Claro que saber eu sei, mas o meu processo de criação não é barrinha amarelinha, para fazer a nota, não. Essa inteligência de produção digital eu não tenho. Eu ainda faço parte da banda da EVAYA e lá eu só toco com a groove box, assim como no projeto REZGATE (projeto onde tenho posto mais energia agora). Às vezes as pessoas vêm e pensam “ah, é um Dj set”, mas não, com a groove box maioritariamente eu faço live. Essa máquina tem essa vibe, de festa, música eletrônica, que eu amo. Essa máquina é minha irmã, minha amiga, minha filha.

Como se deu o encontro entre ti e a REZMORAH ou, antes, como surgiu REZGATE?

GADUTRA Eu fui tocar para uma rádio do Brasil, e a REZ estava performando em cima do Dj set. Foi aí que a gente se conheceu. É incrível porque a REZ é uma pessoa que viaja muito. Ela não para quieta em nenhum lugar. E aí ela estava no Brasil, no final do ano passado, e me mandou mensagem “ei gata, olha só, eu quero fazer um projeto contigo”. Eu gosto muito do projeto dela. Tem uma pesquisa muito interessante, holística, abstrata, muito fora da caixa. E aí curti muito e falei “ya, bora!” Só que ela ficou no Brasil até maio e quando ela veio houve pouco tempo, tanto que quando nos convidaram para o aniversário do VILLAGE UNDERGROUND LISBOA (VUL) o projeto nem tinha nome ainda. Era REZM ORAH e GADUTRA. A gente nunca tinha ensaiado, fizemos esse concerto muito louco com músicas que eu já tinha prontas e letras que ela já tinha prontas e gente disse “a gente vê como fica lá na hora”. Foi muito doido. Foi em Julho, havia um monte de pessoas, muitos artistas, tínhamos acabado de sair da quarentena. O GUSTAVO do VUL amou: “a gente amou, nós queremos uma residência vossa aqui”. E desde então que a gente tem uma noite por mês lá. Foi bem aleatório, porque esse projeto tem 3 meses e é um projeto com um trabalho consistente. E tem sido também o meu projeto principal, onde eu me tenho empenhado mais.

Para além da componente musical, vocês criam um espetáculo bastante rico e que toca em várias expressões artísticas. São vocês que desenham a vossa roupa?

GADUTRA Usamos roupas da JENIS (@janisdellarte), mas nós também já fizemos peças. Nos fazemos tudo... Foi por isso que virou uma coisa muito grande de início. As nossas primeiras apresentações já foram grandes. A gente começou logo vendo “a gente está a começar um projeto grande”. Sabe, se a gente tem essa ganância, a gente quer fazer, a gente precisa de um projetor, de cenografia, de luz, dum sistema para criar isso que é REZGATE. É um ritual, é um processo muito ritualístico.





tatuagens realizadas por GADUTRA



tatuagens realizadas por GADUTRA





No projeto EVAYA, para além de teres co-produzido, também atuas com ela. Tens mais alguma função neste projeto?

GADUTRA Eu e a BIA somos muito amigas. No dia em que a gente se conheceu a gente decidiu que ia produzir música juntas. Aí ela perguntou “e se você fizesse a música de introdução para o meu EP?”. Eu fiz a música, ela colocou uns vocais, só que para o meu álbum eu já queria também a BIA, então a gente fez uma faixa para o meu álbum também. Provavelmente, produzir a gente vai continuar produzindo sempre, a gente adora, GADUTRA e EVAYA fazem parte do mesmo universo. Mais: faço parte da banda dela, então quando a gente tem concertos, eu toco com ela. Mas a gente está passando por um processo neste momento que a gente está entendendo. Porque até a nível de cachet, a BIA consegue-se apresentar sozinha, sabe? E faz sentido também, ter ela no palco. No ANO0, por exemplo, foi ótimo!

Uma última pergunta, desta vez mais virada para a política, ou a bio-política. Enquanto pessoa trans, não-binária, BIPOC e brasileira, qual sentes tem sido o maior obstáculo para a tua arte ter o reconhecimento que merece?

GADUTRA Então, eu comecei a entender esses processos da não-binariedade aqui em Portugal, deve ter uns dois anos. Bateu mais forte na quarentena, porque eu vivia sozinha. Como já tinha uma carreira criada com um trabalho consistente e validado pelo número de seguidores e clientes, quando esse processo se deu, eu já tinha isso conquistado. Então eu posso opinar mais sobre como isso transforma o que eu já tinha criado. O que eu mais sinto é que as pessoas não têm tato. Não existe esse lugar. Não existe banheiro para mim. Eu fico muito desconfortável num banheiro de homem e o de mulheres eu entendo que as elas se possam sentir desconfortáveis com a minha presença.

GADUTRA Sinto mais o preconceito de ser brasileira do que a questão da não-binariedade. Eu agora trabalho em minha casa, em Oeiras. Quando as pessoas vêm cá tatuar, já sabem que eu sou não binária e têm esse cuidado. Outras vezes, as pessoas não sabem (homens heteros no geral), mas ao mesmo tempo eu informo disso e nunca tive problemas com nenhum cliente. Mas por exemplo, existe uma eterna busca por validação do meu trabalho no mercado português. Hoje em dia já estou muito mais tranquila com isso. Eu não preciso de provar nada para ninguém aqui. Mas ao mesmo tempo eu vi como foi difícil.

GADUTRA Eu era a única pessoa brasileira num estúdio de 11 tatuadoras. Cadê as pessoas brasileiras? E aí diziam “ah, mas eu não gosto do desenho”, porque é que você não gosta? É aqui que entra o



colonialismo, você não aprendeu essas ferramentas de cognição de sensibilidade para esse tipo de trabalho. E ainda assim, não gostar não é suficiente. O privilegiado europeu tem que dar espaço. Se você tem lugares, têm espaços, chame essas pessoas marginalizadas. Onde estão essas artistas trans, emigrantes? E porque é que não estão sendo vistas? Porque existe um leque de artistas incríveis e super potentes construindo trabalhos novos, realmente inéditos, e que não têm lugar ou voz. Há uma série de questões que para quem acaba de chegar a um continente novo, a um país novo, acabam por ser barreiras. Se você é uma pessoa politicamente ligada e preocupada, então contorne isso. Dê a mão para alguém! Inclua pessoas mais diversas. Mas as pessoas não estão dispostas a ceder os seus privilégios.

GADUTRA Ao mesmo tempo que isso acontece, para mim transcender é muito bonito. A gente vai encontrando respostas que são muito significativas. Eu noto que sou uma pessoa “muito estranha” porque toda a gente me fica olhando na rua, eu mudo, eu transmuto, eu não me permito a ser lida como básica, como igual, porque eu não quero. Não tem que ver com uma hierarquia, eu só quero fazer o que eu quero com o meu corpo e você tem que respeitar, tem que respeitar os meus pronomes. E a gente encontra muita força nesse lugar de transmutação e transcendência. Principalmente uma rede de afeto, de conexões, forte o suficiente para dizer “eu estou com você”.





ilustração realizada por GADUTRA



ilustração realizada por GADUTRA



O camaleónico BARRY é tão intenso pessoalmente quanto apaixonante são os projectos que lança e desenvolve. O seu quotidiano de andorilho pelo mundo é feito a fazer apresentações muito participadas e partilhadas, um misto de performance e site specific que apelidou de *WALKography*. Falámos com BARRY BRANDON aka THE QUEER INDIGO, para saber mais.



## WALKography

THE QUEER INDIGO

AKA BARRY BRANDON

entrevista por Rafael Vieira

fotos Sebastien Navosad

produção Yolanda Jandira Kiluanji

Índigo é um tom forte de azul que transmite a ideia de sabedoria, de justiça, etc. Mas é também o nome dado àquelas crianças especiais, que se acredita possuírem características únicas, quase sobrenaturais. O teu nome está relacionado com algum destes conceitos?

BARRY Sim, está. Eu identifico-me como uma criança índigo. Eu tive sempre os sentidos apurados e, quando era mais novo, eu descrevia os sentidos como ouvir, ver e sentir. Ao crescer, eu pedi para deixar de ver e de ouvir, então o meu sentir tornou-se muito forte. Eu sou clairsentient, esse é basicamente o meu dom.



Total Look DUARTE BRAND



Eu vi que andas a espalhar queer joy e fazes com que todos se envolvam. Qual é o chamamento e o processo criativo por detrás de cada *WALKography*? Como é que as pessoas reagem e participam?

BARRY Chamei-lhe *WALKography* porque eu não diria necessariamente que estamos a fazer coreografia, embora façamos mais do que apenas caminhar. Eu fundi as palavras. O processo é diferente dependendo de diversos factores. Às vezes eu ouço uma canção algures e tenho imediatamente a visão do movimento que pretendo. Outras vezes recupero referências que estiveram latentes na minha cabeça por mais de vinte anos e, por vezes, tenho que procurar um bocado por uma canção gira que me dê a visão de como transmitir a mensagem que sinto que corresponde à vibração da música. Também tento combinar com a vibração da cidade em que caminho.

BARRY Quanto ao envolver as pessoas, quando estou a ir para algum sítio e decido agendar uma WALK, anuncio no meu IG com um post e stories que informam as pessoas de onde me podem encontrar. Elas aparecem, eu ensino o movimento, filmamos e criamos queer magic.

Estiveste em Lisboa recentemente, e também em Madrid e Barcelona, agora estás de volta aos EUA, e depois irás para.. Estás a espalhar o máximo possível de alegria em todas estas geografias?

BARRY Eu estive em Lisboa após Paris e Berlim e fui depois para Barcelona e para Madrid. Agora estou em Nashville para o casamento de um amigo, mas vou partir em breve. Ainda não tenho a certeza para onde vou, pois o meu melhor amigo está quase a fazer anos e pretendo comemorar com ele, seja onde for que ele queira ir, mas ele ainda não se decidiu. Não faço uma WALK em Nashville porque eu queria dedicar esta semana a reconectar-me com amigos, mas todos os sítios aonde vou, faço sempre intervenções!

Nas tuas apresentações, tudo parece pensado ao mais ínfimo detalhe, a música, a coreografia, as roupas, a maquilhagem, os gestos, as pessoas, a envolvente, o enquadramento. Conta-me mais sobre estes preparativos.

BARRY A sério? Isso é interessante, porque não há mesmo muita preparação para os vídeos. Para os encontros em que todos são convidados a participar, peço apenas que usem preto. Parte da magia é que



Total Look DUARTE BRAND



há unidade no sentido em que a cor usada faz-nos parecer um clã. Mas como todos têm controlo criativo para se expressarem como desejam, não há processo de aprovação. Quanto a mim, ou uso roupas de lojas em segunda mão ou algumas marcas emprestam-me as peças para que as use como conteúdo. O meu objectivo para o próximo ano, é começar a usar peças de alta costura desenhadas por designers queer de todo o mundo.

Como é que descreverias a tua mensagem, é de espalhar o amor, de praticar a inclusividade, é uma mensagem de visibilidade para os LGBTQIA+, é de empoderamento?

**BARRY** Eu diria que é isso tudo e muito mais. Exigir e ocupar espaço. Permanecer firme enquanto indivíduo e comunidade. Fazer incidir uma luz sobre a nossa bela e diversa comunidade de humanos. Tentar partilhar a importância do amor próprio. Tentar activar a mente para ver além da sua tacanhez e saber que pode fazer-se muito mais, se se souber deixar cair as camadas de mentiras impingidas à nascença e empurradas pela cultura e religião. Partilhar a importância de viver uma vida honesta e transparente para que o mundo veja e receba a nossa beleza individual. Há muitas mensagens que eu espero que sejam compreendidas.

Também criaste e geres a agência *For All Humans*, para clientela corporativa, onde fazes curadoria visual e de experiências imersivas. Conta-me mais sobre isto. O teu objectivo é colorir os executivos uma empresa de cada vez?

**BARRY** Sim! Comecei a minha agência no início de 2017, depois de trabalhar como freelancer durante algum tempo. Percebi que a minha voz não era ouvida num nível suficientemente alto quando eu era contratado por uma agência para produzir um projecto. E eu via regularmente as falhas e lacunas na falta de inclusão, de diversidade e de autenticidade nos esforços de marketing. O objectivo da *For All Humans* é trabalhar com marcas e campanhas a partir da perspectiva de vozes queer.

Fala-me sobre a tua zine *High Femme*, algumas imagens no IG são bastante marcantes, o que é que pretendes mostrar?

**BARRY** *High Femme* começou como uma personagem há cerca de ano e meio. Com a pandemia, é claro, tudo foi colocado em pausa. Mas também percebi, através da minha página IG, que há imensas pessoas à procura de conteúdo femme, pelo que decidi trabalhar numa zine digital que destaque humanas que residem globalmente para partilhar as suas histórias e criar um espaço edificante para que humanos queer e femme se sintam mais empoderados na sua identidade.



Total Look LIDIJA KOLOVRAT



És um sobrevivente de cirurgia cardíaca, o que é certamente uma experiência marcante. Achas que este acontecimento em particular, alimentou a tua razão de ser e a paixão pela vida?

BARRY Fazem-me muitas vezes esta pergunta e eu ainda não sei como responder. Eu nasci com um defeito cardíaco congénito e fiz a primeira cirurgia cardíaca com 2 dias de vida. Desde então passei por 8 cirurgias cardíacas, além de muitos outros procedimentos, mas é assim que eu conheço a vida. Acho que há mesmo uma perspectiva adquirida a um nível profundo, em que o amanhã não é garantido. Que aquilo que provavelmente se destaca da minha vida é o viver o momento, procurar alegria, espalhar amor e ser eu próprio. Não consigo imaginar-me a viver doutra maneira.

Queres que as pessoas walk the walk, que caminhem. Mas também que dançam e que sintam. Quais são os teus próximos objectivos e projectos?

BARRY Ainda não sei, mas eu avisarei quando souber! Até lá, vamos continuar a criar e a convidar pessoas para se juntarem, e a porem os olhos no belíssimo trabalho da nossa comunidade.



Total Look DUARTE BRAND



# DIGITALIZAÇÃO

## O FUTURO INEVITÁVEL DA ARTE?

texto Beatriz Nascimento

ilustrações Bleeple



Em 2012, CLAIRE BISHOP, crítica de arte e professora de história de arte no The Graduate Center, CUNY, Nova York publica o seu essay "*Digital Divide: Whatever Happened to Digital Art?*" que abre com a problematização de que a digitalização que tomou o mundo nos anos noventa não havia chegado ainda, na sua plenitude ao mundo da arte mainstream. A arte dos novos media teve, de facto, uma presença forte desde o final do século passado, mas como uma disciplina isolada e paralela. O digital foi aceite como ferramenta, mas não totalmente como temática e finalidade, por medo da perda da aura da obra de arte, vivendo, até agora, na periferia das expectativas.

Para além do palpável, existe também de uma nostalgia generalizada da população, e que se traduz na arte contemporânea, como BISHOP desenvolve. Uma espécie do renascimento do analógico e dos meios obsoletos de comunicação pré-digitais que evita a novidade tecnológica na arte. Esta corrente recua ao passado enquanto os avanços tecnológicos são cada vez mais proeminentes, criando uma espécie de ciclo renovador, como na moda, de vários media e suportes artísticos (VHS, Vinil, Fotografia 35mm).

De 2012 a 2021, o mundo viu grandes mudanças e o avanço tecnológico parece ser exponencial, materializando (ou imaterializando) todas as fantasias da ficção científica. No momento em que surgiram, a fotografia e o vídeo foram aceites quase de imediato, mas o digital causa uma certa desconfiança e roça o distópico sempre que é falado na arte e nas relações interpessoais.

Até recentemente a visão de BISHOP parecia imaculada e o mundo da arte parecia impenetrável a uma revolução digital, porém, devido à situação de risco do mercado causada pela pandemia Covid-19, ocorreu uma digitalização, quase forçada, das exposições e transações no mundo da arte.

A Primavera de 2021 trouxe-nos um novo acrónimo para o diálogo da arte digital com um boom inédito no nosso século na arte. Os NFTs –non-fungible tokens– são uma tecnologia que surgiu em 2015, mas só em 2020 é que começou a ganhar verdadeira relevância, graças à rápida digitalização no momento pandémico. Os NFTs são unidades de dados armazenados numa rede digital, chamada blockchain, que consiste numa base de dados composta por vários blocos interligados e totalmente descentralizada. Todas as informações que são cunhadas e encriptadas na blockchain não podem, tecnicamente, ser alteradas nem ocultadas e, portanto, essa tecnologia certifica um ativo digital –uma imagem ou um vídeo– como único e imutável.

Esta tecnologia nasceu com intenções claras de democratizar a arte e tornou-se muito comum entre os artistas da era digital, pois oferece-lhes uma maior liberdade para a divulgação e venda do seu trabalho



através da web e certificando a sua autoria e autenticidade. Até então, o leque de oportunidades para a arte digital no espaço do mercado da arte era reduzido. A entrada desta tecnologia no mainstream e nos grandes nomes do mundo da arte veio incitar uma das discussões mais controversas da arte contemporânea do século XXI e repensar o mundo da arte como o conhecemos. Exemplo disso foi o caso da obra *The First 5000 Days* do artista BEEPLE, que joga muitas vezes com a relação utopia/distopia do digital, que foi leiloadada através da leiloeira de renome Christies' e alcançou o valor de 69 milhões de dólares americanos, chegando ao top 3 de obras mais caras vendidas em leilão de sempre.

Também descendente da evolução tecnológica, o minimalismo veio definitivamente mudar a forma como os seres humanos percebem a propriedade e a noção de colecionar. Há cada vez mais uma necessidade de possuir poucos bens no espaço de uma casa e de centralizar muitos dos serviços e otimizações em aplicações digitais, muito por questões ligadas à sustentabilidade e simplicidade, mas o intangível não elimina a nossa característica humana de colecionadores natos, há apenas uma alteração do paradigma. A estética de simplicidade tecnológica é muito atrativa para colecionadores mais novos e segue em concordância com o pensamento e linha da arte digital. O espírito dos NFTs alinha-se totalmente com esta filosofia e cria uma oportunidade de colecionar digitalmente, o que involuntariamente já fazíamos com ficheiros no nosso computador, fotografias na cloud e no Instagram e playlists altamente curatoriais no Spotify.

Para além da sua entrada no mundo da arte, os NFTs são vistos como oportunidades de investimento financeiro e, é muito devido a esta sua característica que esta tecnologia se tornou no centro das atenções dos últimos meses, levantando outras questões morais no que envolve liquidar activos artísticos em busca de grandes retornos financeiros, numa junção inédita no contexto cultural e artístico mundial. A entrada desta tecnologia no mercado da arte criou a possibilidade de muitas galerias começarem a aceitar pagamentos em criptomoe-das para obras de arte (digitais ou não) - realidade distante há dois anos atrás e muito atrativa para uma certa elite financeira. Os NFTs (e toda a arte dos novos media) passaram rapidamente de um nicho para a grande novidade do mundo artístico.

Apesar da desconfiança que a digitalização possa causar no mundo da arte e nas nossas relações interpessoais, depois de uma Primavera digital na arte, o Outono traz-nos o regresso às grandes feiras de arte - Art Basel e Art Basel Miami Beach - e mostra-se focado no estar presente e a sua relação imediata com a arte.

É com a chegada da nova estação, e com as grandes feiras de arte internacionais, que é finalmente possível posicionar os NFTs no mercado da arte. A tecnologia dos NFTs e o digital não parecem, de

momento, uma tendência descartável. Começa a existir um consenso artístico e uma presença forte da arte digital após um grande hiato de negação pelo mundo da arte. Crê-se que o enraizamento da arte digital no mainstream não será feito por via de eliminação do material e a nostalgia dos media do passado será sempre um sentimento renovável em coligação com a ânsia e curiosidade pelo futuro. O receio da evaporação da materialidade na arte, assim como na digitalização das relações humanas com as redes sociais parece distante. Evocou-se uma certa histeria de que as relações humanas cessassem assim como que as exposições e coleções passassem a ser digitais. Tal não aconteceu, e o último ano e meio de distanciamento social foi a prova disso. O futuro é digital e apesar do mundo da arte começar a aceitar este media em absoluto, o presente não abre mão da sua componente material e pessoal.





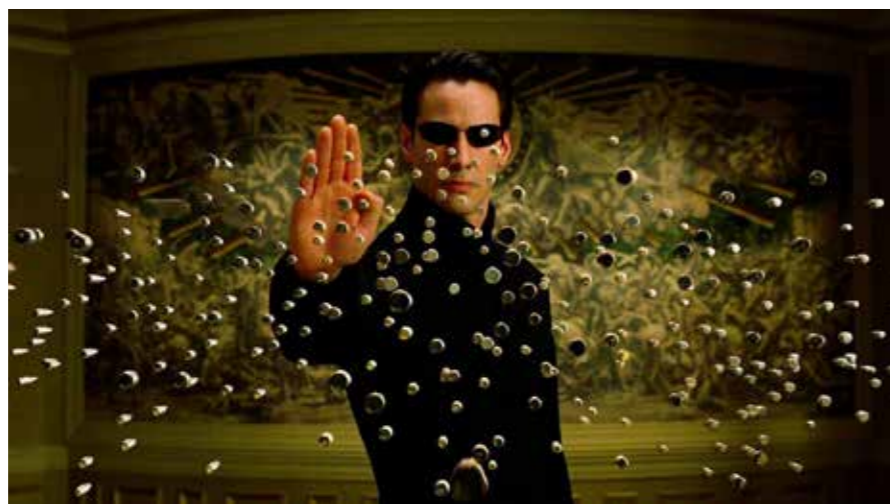
Carros voadores, robôs, missões intergalácticas, máquinas dominando o homem. Desde sempre a humanidade nutre a curiosidade sobre o futuro. As profecias e obras de ficção científica são um bom exemplo de como o desejo em antecipar o porvir é inerente à nossa sociedade. JULES VERNE, GEORGE ORWELL, *Star Wars* e a trilogia *Matrix* – agora com um quarto filme a ser lançado ainda em 2021 – são exemplos de como o imaginário da sociedade futurista anda de mãos dadas com a tecnologia.

Muitas vezes esse futuro é pintado em um formato distópico. Por outras, é a promessa de um mundo diferente, mas melhor que se sobressai. No entanto, independente da imaginação, pistas reais do presente e do passado podem nos fornecer um panorama interessante sobre o caminho para o qual seguimos.

A tecnologia indica mudanças: traz consigo impactos sociais e culturais; atua como a extensão do homem, lhe conferindo “super-poderes”. Questões do presente, como Inteligência Artificial, Internet das Coisas, Criptomoedas, Exploração Espacial, Integração Homem-Máquina são um bom caminho para compreendermos a direção para a qual avançamos.

As incertezas da pandemia trouxeram ainda mais questionamentos sobre o futuro, num mundo em que planejamentos, mesmo que no curto prazo, são cercados de insegurança.

O que o futuro nos reserva? Nesta série de artigos apresentamos inovações tecnológicas de agora que muito certamente terão impacto em nossas vidas em um futuro próximo.



## O ADMIRÁVEL VELHO MUNDO NOVO DE HOJE LEITURAS DO FUTURO A PARTIR DO PRESENTE

texto Suzana Cohen

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (AI)

Robôs, humanóides, máquinas super inteligentes. Esses são tópicos que, não em vão, compõem o imaginário comum do futuro. A evolução tecnológica aponta nesta direção, em que computadores ficam cada vez mais eficientes e assumem de forma crescente papéis antes conferidos ao homem. Somos mais rápidos, eficientes, inteligentes graças a ela.

Uma empresa que se destaca neste ramo é a Tesla. A startup de ELON MUSK inicialmente se posicionava como uma empresa do ramo automotivo, de veículos elétricos de luxo, com grande autonomia. Num segundo momento, saltou para o ramo da energia limpa, fornecendo soluções desde automóveis elétricos, a painéis solares altamente resistentes. Agora se afirma como uma referência no ramo da Inteligência Artificial aplicada. Empenha-se no pioneirismo do desenvolvimento de veículos com direção 100% autônoma. Apesar de dificuldades relacionadas com a regulação e planejamentos urbanos, é certo que em breve começaremos a ver recorrentemente nas ruas veículos pilotados por máquinas.



Mais recentemente a Tesla apresentou o *Tesla Bot Optimus*, um robô-humanóide multifuncional, a ser desenvolvido num futuro próximo. Segundo a empresa, o Bot tem como objetivo estender a atuação da Tesla em AI para além do ramo automotivo. O projeto ainda encontra-se em estágio embrionário, o protótipo promete ser apresentado em 2022. É aguardar para ver!



## DADOS E MEIOS DE TRANSPORTE ULTRA-VELOZES

O transporte – seja de dados, seja de matéria – é outro tópico bastante em voga. Teletransporte ainda não existe. Mas para quaisquer coisas passíveis de serem convertidas em dados, é como se existisse. Fotos, livros, filmes, músicas, cartas, ficheiros, dissolvem-se na rede e se transportam e/ou replicam num piscar de olhos. Podem ser acessados na nuvem, de qualquer dispositivo, de forma instantânea. Há ainda as criptomoedas, um mercado em especulação e crescimento; além das obras de arte digitais e o fenômeno emergente dos NFTs, vendidos a preços astronômicos. Estes exemplos representam a desmaterialização de produtos físicos, que converteram-se para o digital, permitindo esse “teletransporte” seletivo.



Com todas as implicações das acelerações ocasionadas pelas tecnologias de transporte de dados há uma crescente necessidade para sermos mais velozes no deslocamento físico. Vê-se, assim, uma corrida permanente para aperfeiçoar meios de transporte, que transponham as barreiras do tempo e do espaço.

Como solução, tem-se a emergência de novos meios, como o *Hyperloop*, uma espécie de comboio de alta velocidade a vácuo, que pretende ser rápido como um avião, estável como um elevador, barato como um autocarro. Várias empresas que estão empenhadas no desenvolvimento do *Hyperloop*, seja no Oriente Médio, na Ásia ou na América. A tecnologia ainda encontra-se em desenvolvimento, mas os projetos estão relativamente avançados. Começaremos a ver mudanças na percepção de distâncias quando cidades relativamente distantes tornarem-se paragens do “metro”. Está preparado para morar em Lisboa e beber um copo após o trabalho em Madrid?

Não podemos nos esquecer, no entanto, que a pandemia acelerou a migração de processos para o ambiente online, banalizando o teletrabalho e as aulas virtuais. Neste sentido, o próprio conceito de deslocamento tem sofrido alterações.

Se os cenários futuros nos aprisionarão numa escala de produtividade cada vez maior, ou se nos aliviará para termos momentos de ócio criativo de qualidade, ainda não sabemos.

Independente de especulações, as pistas estão aí. E você, o que imagina para o mundo do futuro?  
A ser continuado...





*Pais & Filhos* é a mais recente peça da companhia TEATRO PRAGA –que marca o arranque da nova temporada, no Teatro São Luiz (em Lisboa)–, orquestrada por PEDRO PENIM, que se assume como co-autor. Dado que o exercício de “autoria” não é exclusivo de uma única força, até porque tudo só existe em relação, e da relação surgem demais objetos que, por sua vez, multiplicam o número de relações, pelas suas ações e interações –e com a premissa de que a “autoria” é sempre fruto de um processo colaborativo se inicia o espetáculo.

Espectáculo que resulta da simbiose entre os dados biográficos do seu encenador (co-autor) e o romance do escritor russo IVAN TURGEINIEV, também intitulado *Pais & Filhos*. Em resumo, o enredo desencadeia-se com o regresso de Arkasha a casa de seu pai, e restante agregado familiar, na companhia da sua Camarada, uma presença disruptiva e irreverente –no romance de TURGEINIEV, o protagonista Bazárov–, que vem instalar a discussão com os seus ideais niilistas, nomeadamente, pela proposta de abolição da “família”, plano que fará estremecer as fundações do “lar”.

## FAMÍLIA

texto Manuela Marques  
fotos Carlos Pinto



Ao longo de, sensivelmente, cento e cinquenta minutos, esta peça –aligeirada pelo tom humorístico– coloca em cima da mesa assuntos sérios a refletir, neste caso, um tópico intemporal: a “família”, e por consequência, a par da atualidade, o direito humano universal à parentalidade. Por extenso, tentarei –evitando o uso, em demasia, de advérbios de modo–, discorrer com parrésia algumas linhas sobre o que julgo ser a pertinência deste espetáculo, por convocar diversas questões, para as quais temo não haver respostas absolutas ou soluções definitivas –quicá incorra, somente, no contributo de mais interrogações–, tal se apresenta a complexidade sensível da temática.

O termo “família”, provém do latim *famulus*, que na Roma Antiga designava “escravo doméstico” maturou posteriormente para uma lógica de núcleo, entidade nuclear, o primeiro grupo social a que pertence o indivíduo. Irónico pensar na origem e significado da palavra “família”, entendendo-se que ter família pode configurar na experiência de se ser refém, propriedade, de uma organização –a casa–, para o bem e/ou para o mal. Inúmeros são os casos, reportados e analisados, de insucessos nas disposições familiares que se constituem como fator traumático, e até destrutivo, elemento decisivo, em potência, no crescimento de qualquer pessoa.

A psicologia explica que fazer parte de um seio familiar é crucial no processo da construção de identidade individual de cada Ser Humano. Sendo determinante, saber o seu lugar de pertença, a sua origem, mesmo que esta não seja exemplar, positiva, isto é, para a criança antes



ter maus progenitores, ou pais displicentes, do que não os ter, de todo. Constatando que a sua ausência figura como lacuna, uma falha, que se inscreve como ferida/dor crónica, com repercussões expectáveis, mesmo que remediáveis.

Haverá necessidade de, hoje e futuramente, se deliberar na dessacralização do conceito "família", de repensar os seus modelos que se regem pela consanguinidade e/ou por representações clássicas. Qual a validade do cânone familiar, no nosso caso, numa cultura ocidental, regida ainda por fortes influências católicas, mesmo que maioritariamente laica.

Talvez por ser um assunto transversal e inclusivo, que diz respeito à Humanidade, pelas suas dinâmicas, durante séculos, este tema tem sido, constantemente, abordado pela literatura, inclusive por autores dramaturgos, cujo o texto de TURGEINIEV é um dos exemplos. Nesta versão contemporânea de *Pais & Filhos*, PENIM – com a ajuda dos seus cúmplices – introduz-nos as questões sobre parentalidade, em conformidade com o tempo e a sociedade atual, repleta de novos paradigmas, como sejam as problemáticas no enquadramento da comunidade queer. É com astúcia e engenho que o belo se revela nesta obra e sua proposição. Cénica e dramaturgicamente, tudo é equilibrado e coerente: o texto mordaz e inteligente, com links à cultura urbana – quer pela linguagem e referências, quer pelos artefactos cénicos –; visualmente é hiper esteta, da cenografia aos figurinos, fazendo jus à assinatura plástica dos PRAGA; os intérpretes estão irreprensíveis, as personagens caem-lhes que nem luvas, até a cadela Olívia, que não causa qualquer Trouble.

*Pais & Filhos* não sendo uma peça consensual é impossível ficar-lhe indiferente, uma vez que reequaciona a importância e o impacto da "família", no decorrer da vida: a família é estrutura mesmo quando desestruturada.

«PAIS & FILHOS»

de 24 Setembro a 03 Outubro, 2021

TEXTO E ENCENAÇÃO Pedro Penim INTERPRETAÇÃO Ana Tang, Bernardo de Lacerda, David Costa, Diogo Bento, Hugo van der Ding, Joana Barrios, Joao Abreu, Pedro Penim, Rita Blanco e Olívia (como Trouble)  
ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO Bernardo de Lacerda APOIO COREOGRÁFICO Luiz Antunes CENÁRIO Joana Sousa FIGURINOS Joana Barrios MESTRE COSTUREIRA Rosário Balbi CONCEÇÃO DE BONECA António Vieira Imaginações Reborn VÍDEO Jorge Jácome LUZES Daniel Worm d'Assumpção SOM Miguel Lucas Mendes  
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO Daniela Ribeiro (Teatro Praga) PRODUÇÃO Alexandra Baiao (Teatro Praga)  
COMUNICAÇÃO DIGITAL Mafalda Jacinto (Teatro Praga) APOIO Griffhairstyle, Hospital de Bonecas  
COPRODUÇÃO Teatro Praga, Teatro Nacional São João e São Luiz Teatro Municipal





fotografia PEDRO AFONSO @pedroafonsogram  
direção criativa ANA MAGALHÃES @anadotmagalhaes  
styling LÚCIA VALDEVINO @luciavaldevino  
assistida por LUÍS OLIVEIRA @nipple\_yellow  
beauty EDUARDO ESTEVAM @eestebam  
estúdio CO.STUDIO @co.studio\_

# KELLY BAILEY

Em que medida te sentes uma pessoa do teu tempo?

KELLY Considero-me uma pessoa do meu tempo, sempre me senti enquadrada com a mentalidade da minha geração. Embora seja fascinada por elementos de outras gerações como a música ou a moda de décadas passadas.

Enquanto figura pública em que momentos achas que deves intervir?

KELLY Enquanto figura pública, se for um assunto que me relacione e me identifique com as causas em questão, intervenho e dou a minha voz com a esperança que chegue a mais pessoas.

O que é para ti intimidade?

KELLY Para mim a intimidade revela-se em momentos simples, como por exemplo, conseguir desfrutar de um momento de silêncio sem constrangimentos.

És uma pessoa de rotinas ou pelo contrário, como geres o teu tempo?

KELLY Não me considero uma pessoa de rotinas até porque o meu dia a dia é muito diferente todos os dias. As únicas rotinas que eu gosto de manter é o que me trás estabilidade familiar e/ou emocional. Agora quando estou de férias, aí tento ter o mínimo de rotinas possíveis!

Cada vez mais os atores encontram meios para controlarem a sua própria imagem, estão a frente e atrás da câmara, mas já te imaginaste a dirigir uma peça ou um filme?

KELLY Acho fascinante todo o processo de dirigir, é acima de tudo uma grande responsabilidade, mas não é o meu objetivo para já .

E qual a tua relação com a moda. Pacífica ou uma guerra?

KELLY Na verdade não sinto que seja uma coisa nem outra. A moda é uma forma de me expressar e faz-me sentir livre!

Quando é que te gostas de sentir uma figura impactante e quando pelo contrário um certo descuido até sabe bem?

KELLY Nunca pensei nisso, acho que não penso muito dessa forma. Não procuro ser uma figura impactante e um certo descuido sabe sempre bem, na ocasião certa.

O que significa para ti conforto?

KELLY Em relação à roupa, ter uns sapatos que me permitam dançar a noite toda por exemplo ou não ter frio porque sou muito friorenta ahah. Em relação à vida diria que chegar a casa e não ter vontade de sair, é sinal que estou bem no meu espaço que é o mais importante.





vestido MARIA JOÃO CUNHA





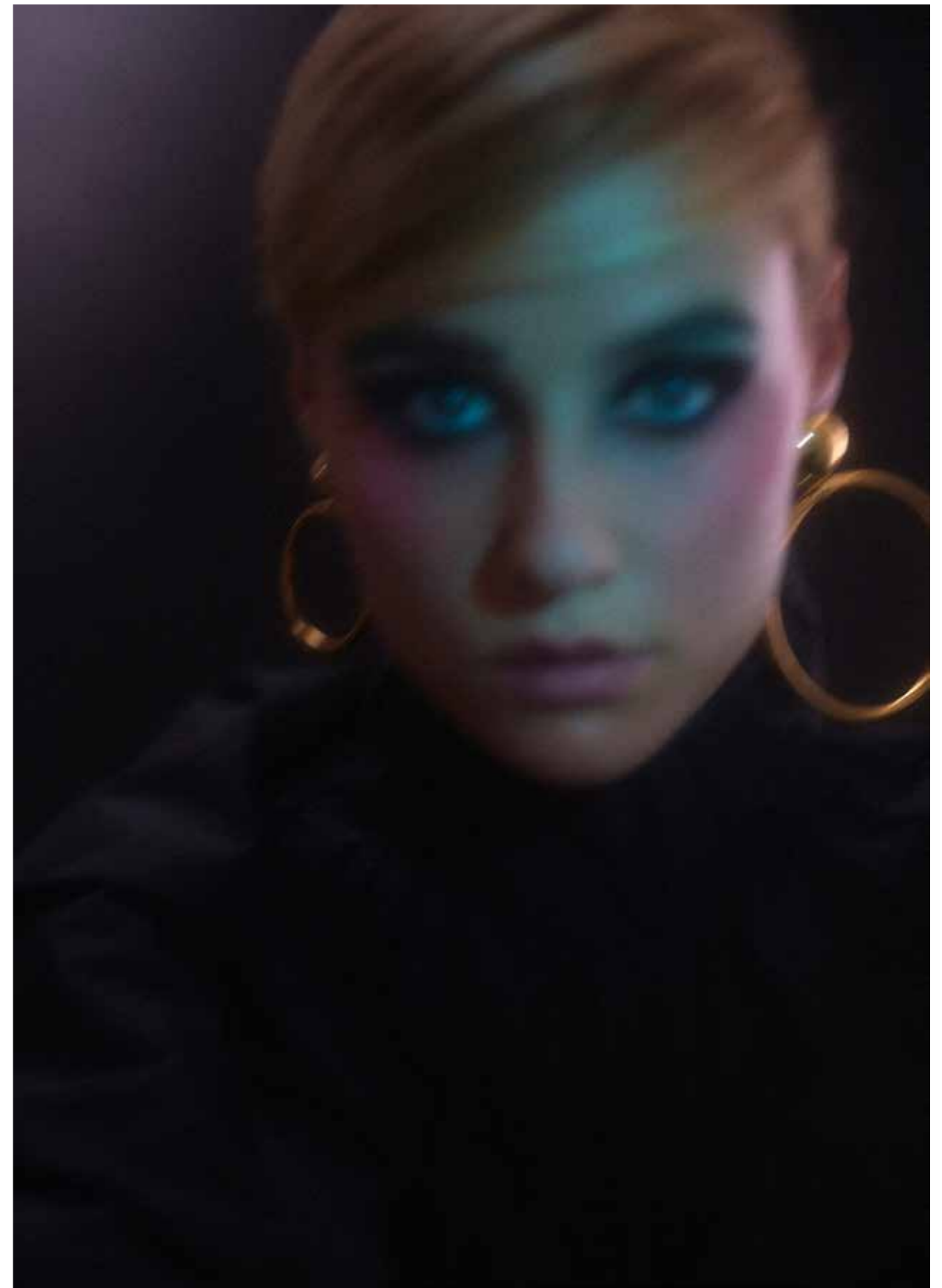
vestido LUIS BISANTI  
sapatos DIOR @Loja das Meias







colete ALVES/GONÇALVES  
vestido GABRIEL DAROS  
colar FERRAGAMO @Loja das Meias



brincos FIORIRE





casaco MOI MIMI





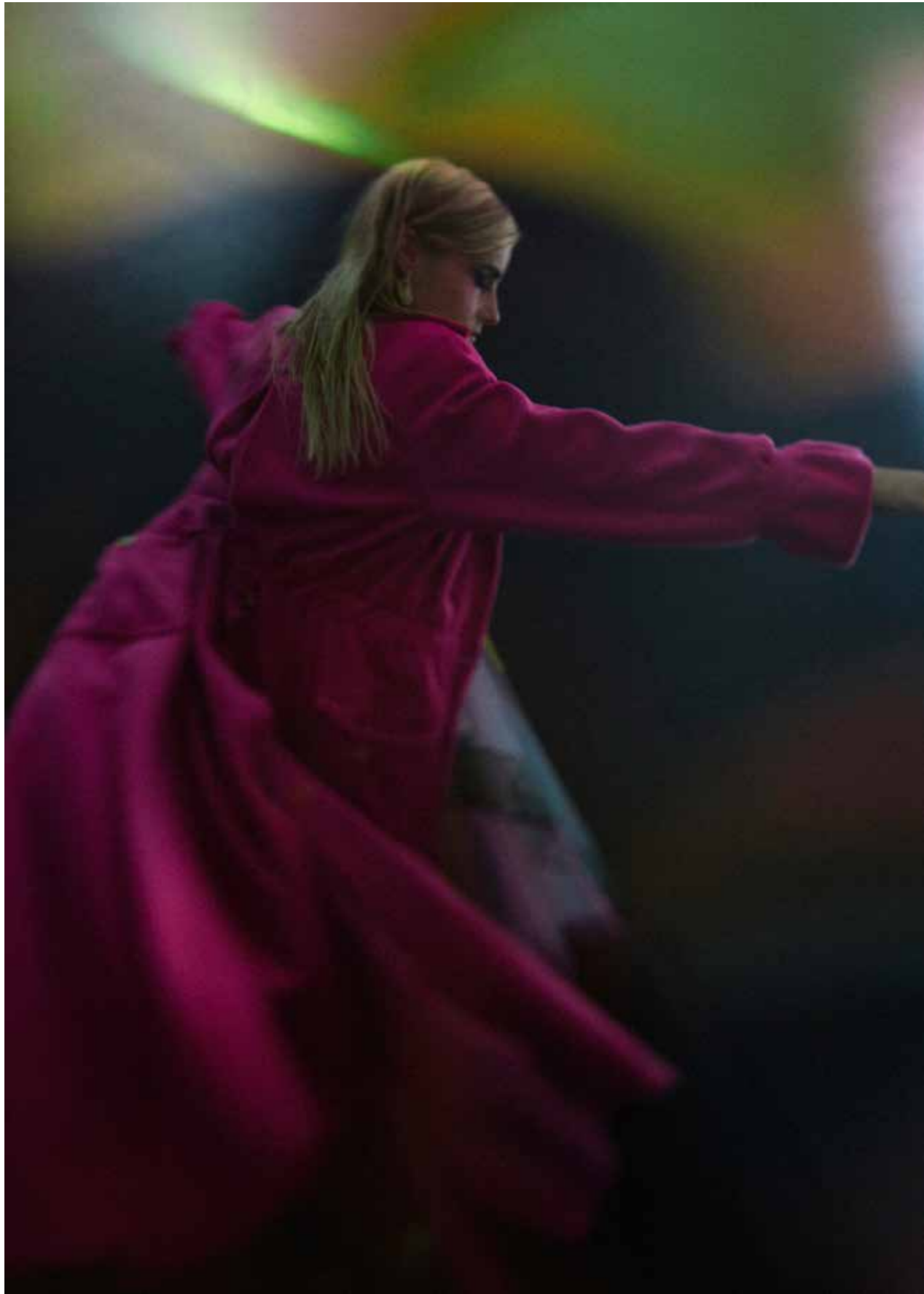


vestido LUÍS BISANTI  
luvas ELISABETTA FRANCHI  
sapatos DIOR @Loja das Meias

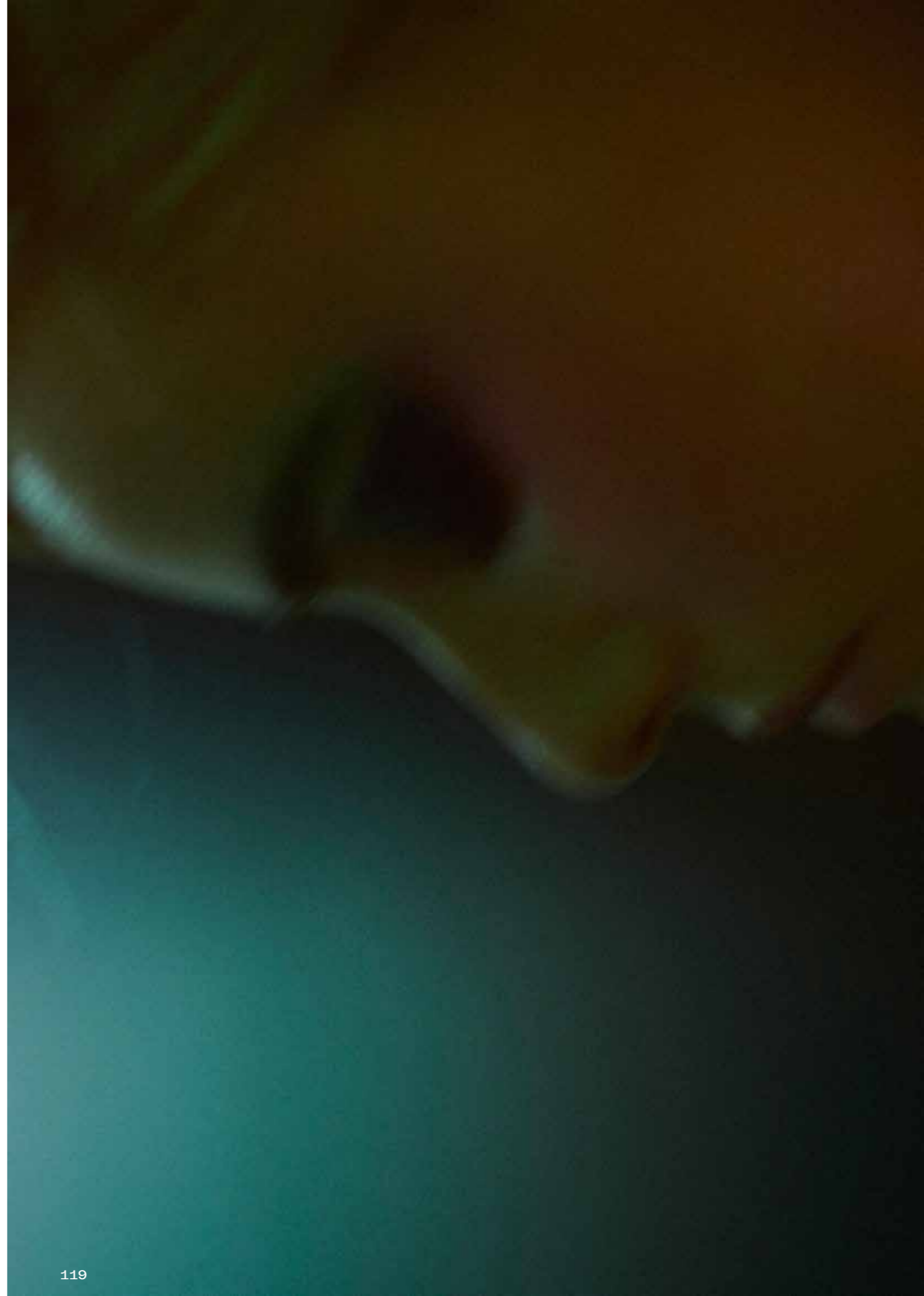


vestido DINO ALVES  
casaco MOI MIMI  
brincos FIORIRE  
anéis ROCHA CARVÃO

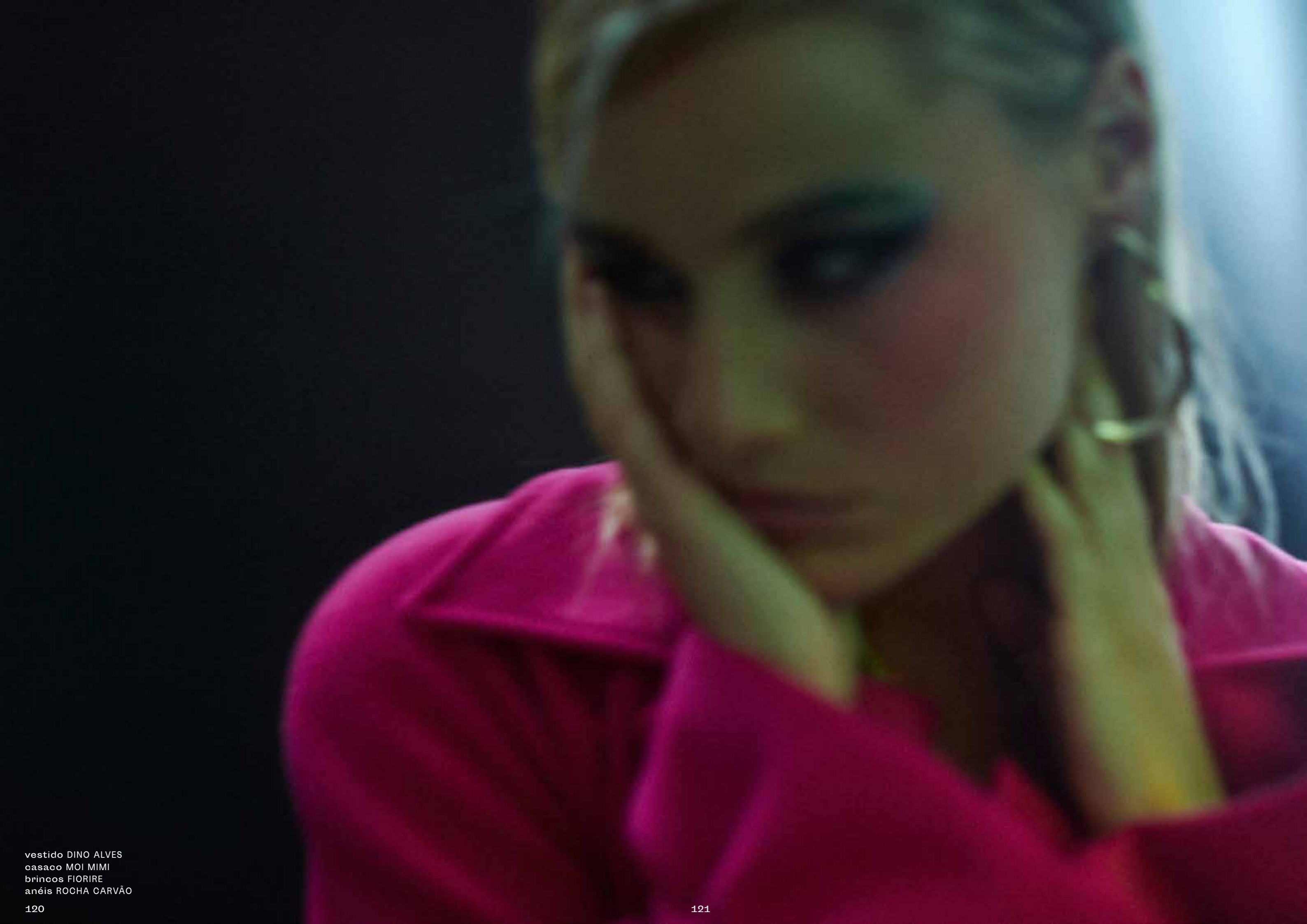




vestido DINO ALVES  
casaco MOI MIMI  
brincos FIORIRE  
anéis ROCHA CARVÃO







vestido DINO ALVES  
casaco MOI MIMI  
brincos FIORIRE  
anéis ROCHA CARVÃO



fotografia MARIA RITA  
assistida por MADS ALEXANDER LUND  
styling TIAGO FERREIRA  
assistido por MARGARIDA VENÂNCIO  
makeup VERÓNICA ZOIO  
hair DORA MENDES para Flow by Dora  
nails SANDRA LUZ para Dez Studio

# JOSÉ CONDESSA

Em que medida te sentes uma pessoa do teu tempo?

JOSÉ Na verdade não sei se me sinto uma pessoa do meu tempo. Por vezes sim por outras não. Considero-me uma pessoa interessada e curiosa, que procura conhecer mais e melhor para crescer mais completo, expandir os horizontes, acho que é isso. Nisto talvez seja do meu tempo ou tente acompanhar o meu tempo. Nem sempre é fácil dada a rapidez com que as coisas evoluem. Em contrapartida gosto de dar valor e apreciar coisas de outro tempo que não o meu. Principalmente música, livros, cinema acho que a arte em geral.

Que aspetos da tua vida, do teu tempo que poderias dispensar?

JOSÉ Se pudesse, dispensaria a pressa com que tudo acontece. Se por um lado tudo é rápido e somos incentivados a acompanhar a evolução, a verdade é que também o tempo que guardamos para nós próprios é cada vez menor. Menos temos tempo para o ócio e para criação (agora falando como ator) e perdemos demasiado tempo colados a ecrãs (muitas vezes não certos de que a vida realmente está a passar).

Enquanto figura pública em que momentos achas que deves intervir?

JOSÉ Quando sinto que devo intervir faço-o não por ser figura pública mas porque acredito no que estou a defender. Tento manter-me fiel ao que acredito e defendo-o em qualquer situação no dia a dia ou numa rede social. No entanto acredito que como figura pública a minha voz é mais ouvida. O quebrar dos preconceitos e estigmas (principalmente junto dos mais novos que nos acompanham e nos seguem) deve e passa por nós. Quer nas redes sociais, quer no nosso trabalho há a obrigação de quebrar preconceitos e injustiças, de abrir horizontes e defender o respeito.

O que é para ti intimidade?

Há uma linha muito ténue, que nem sempre é vista com clareza tanto da parte dos outros como de nós próprios. A minha intimidade é a minha família e os meus amigos que não escolheram viver debaixo de foco e que devo protegê-los. Acho que muitas vezes sofro mais como eles estarão incomodados do que quando é comigo.

És uma pessoa de rotinas ou pelo contrário, como geres o teu tempo?

JOSÉ Na vida pessoal não sou de rotinas, gosto que todos os dias seja

diferentes com “surpresas”. Os meus dias variam entre ter horário ou não ter, ter dias preenchidos ou dias de ócio e desporto. No que diz respeito ao trabalho há pequenas rotinas que cumpro, principalmente em teatro, mas também essas rotinas mudam de espetáculo para espetáculo.

Tiveste algum ator que te tenha servido de modelo e que tenha desempenhado um papel importante naquilo que hoje és?

JOSÉ Há alguns atores que foram para mim uma referência e um exemplo em vários momentos da minha vida. Mas há dois nomes que tenho de realçar, um deles é o NUNO LOPES por admirar o seu trabalho a forma como se envolve com o personagem e como cria uma ligação como o público seja em cima de um palco ou mesmo através do ecrã. Admiro o seu trajeto e gosto quando dizem que temos parecenças. O outro nome foi alguém com quem tive a sorte de trabalhar. Partilhámos o palco numa das peças que mais guardo no coração. Esse ator é o FELIPE DUARTE, de quem guardo inúmeras conversas, muitos abraços e palavras de segurança que me ajudaram a crescer como ator e pessoa. O FELIPE é (e digo é porque sei que continua por aqui) um ser humano como encontrei poucos que marca pela sua inteligência cénica e por dar muito mais ao colega do que pede para si. É uma referência de ator e de ser humano.

Cada vez mais os atores encontram meios para controlarem a sua própria imagem, estão a frente e atrás da câmara, mas já te imaginaste a dirigir uma peça ou um filme?

JOSÉ Já me imaginei mas acho que ainda não é o tempo certo. Mas quando o fizer sei que será pela necessidade de dizer algo ou de querer expressar o meu ponto de vista sobre algo que faço com amor.

E qual a tua relação com a moda. Pacífica ou uma guerra?

JOSÉ Nem uma nem outra, gosto de moda e de acompanhar as evoluções, mas também não me considero um especialista. Talvez um curioso que vê a moda como uma expressão artística. Quando a moda se cruza com o meu trabalho de ator, gosto de arriscar e de inovar.

Quando é que te gostas de sentir uma figura impactante quando pelo contrário um certo descuido até sabe bem?

JOSÉ Sou um meio termo das duas coisas. Diariamente sou simples e prático, não diria descuidado mas pragmático. Mas há dias em que também gosto de gastar mais tempo comigo.

O que significa para ti conforto?

JOSÉ O conforto é tranquilidade. É não cedermos no que gostamos. Mas por outro lado o conforto em certas situações pode ser prejudicial e pode fazer com que fiquemos estagnados. Ou seja o conforto pode ser nosso amigo ou não.



jeans MSGM @Stivali  
carteira SAINT LAURENT @Stivali  
tênis OFF-WHITE @Stivali



sobretudo JIL SANDER @Stivali  
botins SAINT LAURENT @Stivali









casaco e jardineiras LEVI'S RED  
botas BOTTEGA VENETA @Stivali



sobretudo e fato JIL SANDER @Stivali  
botins e carteira SAINT LAURENT @Stivali





cardigan e malha ALANUI @Stivali



sobretudo e calças JIL SANDER @Stivali





malha MSGM @Stivali  
calças JIL SANDER @Stivali  
botins SAINT LAURENT @Stivali



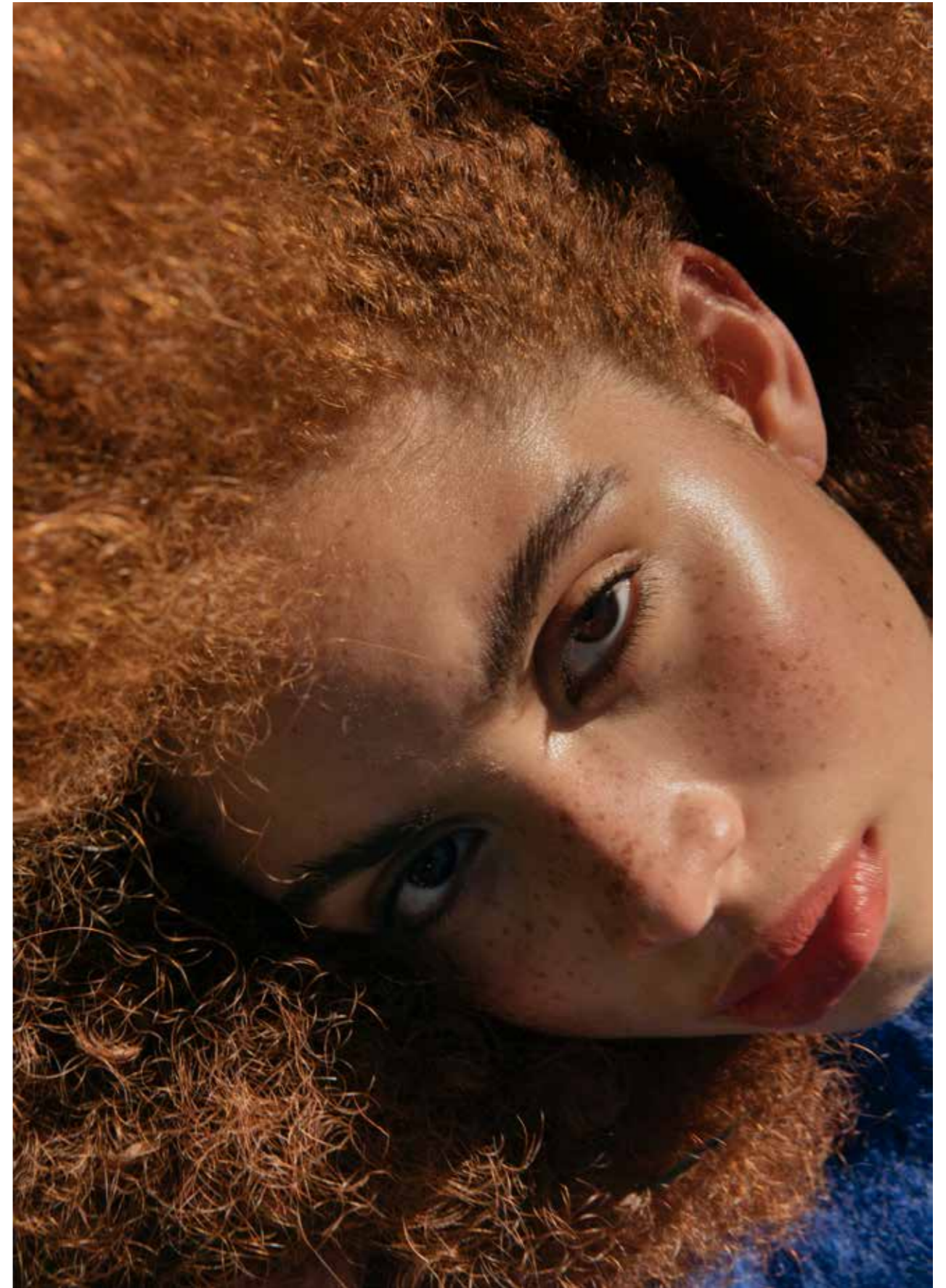
malha JIL SANDER @Stivali  
calças MONCLER @Stivali



vestido GEORGIELA STUDIO  
sapatos ZARA



# AUTUMN AURA



fotografia DIANA NETO @diananetophoto styling CARMEN MERIDA @carmenmeridag  
grooming MARIA TATTAGLIA @maria\_tataglia modelo CECILE @cecilevicioso @blowmodels



vestido ZARA  
sapatos LOLA CASADEMUNT BY MAITE  
colete COS







body ZARA  
calças ANTONIO MARCIAL  
meias UNIQLLO  
sapatos ZARA







look total ALAMEDA BRAND  
sapatos UTERQUE

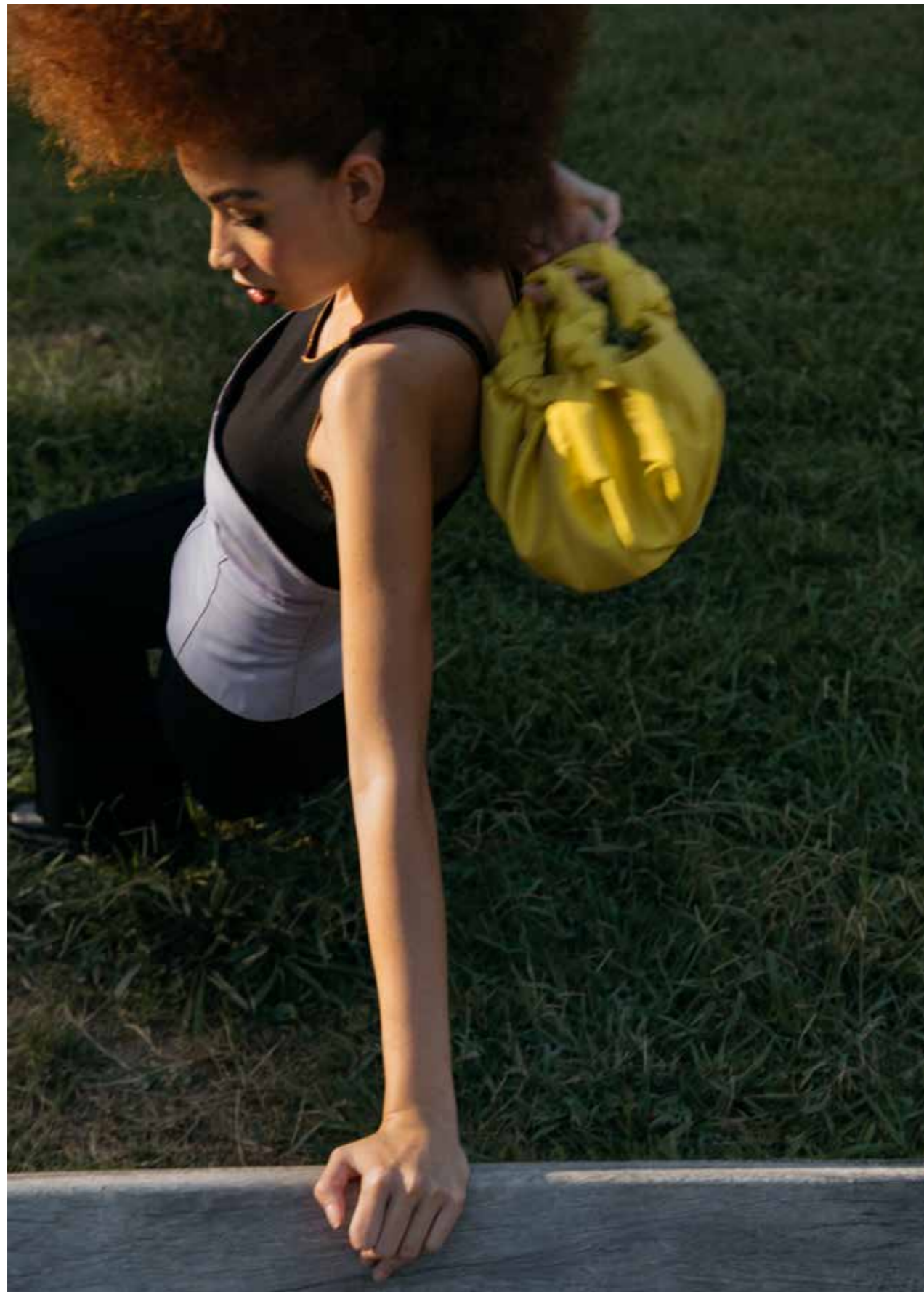






casaco JUDIT MATAS FONT  
sapatos SFERA





top COMELLE  
corset MIETIS  
saco LAIA ALEN  
sapatos UTERQÛE



vestido ALAMEDA BRAND  
saco LAIA ALEN  
botas ZARA



# CONCRETE JUNGLE

direção criativa e fotografia ISABELLA GLOCK @isabellaglock  
styling ANDREIA VALENTE @\_andrea\_valente\_  
makeup MARGARIDA SEQUEIRA @margaridasequeira.makeup  
modelos ADRIANA COSTA @adrianacssta FILIPE GAO @abaiya\_bai

Especial agradecimento LX Factory, Xana Sousa e Laura Korculanin  
pelo espaço e pelo Walter Closet Project e Give a Shit Project.





camisola GANT  
calções DECENIO  
botas LEMON JELLY  
chapéu FRED PERRY  
óculos ANDRÉ ÓPTICAS



top e colar PILAR DO RIO  
saia AHCOR LAB  
casaco CONSTANÇA ENTRUDO  
botas STEVE MADDEN





vestido e corpete PILAR DO RIO  
calças CONSTANÇA ENTRUDO  
sapatos STEVE MADDEN  
brincos PEDRA DURA



tshirt FRED PERRY  
calças GANT  
casaco e sapatos VANS



camisa AHCOR LAB  
calças PILAR DO RIO  
sapatos STEVE MADDEN  
anéis FLUBBIES BY REMAERD





camisa AHCOR LAB  
calças PILAR DO RIO  
sapatos STEVE MADDEN  
anéis FLUBBIES BY REMAERD





camisa GANT  
blazer BBRAUNE  
calças VANS





M-U-S-A

MONSTERS  
U SEE ASLEEP

direção criativa e fotografia FREDERICO SANTOS @fredericosantos  
styling SARA NOVAIS @saraisnovais  
makeup JESSICA CARVALHO @jessicamarinacarvalho  
modelos MARIAM ALUEDE @thehivemodels



vestido preto NUNO MIGUEL RAMOS  
vestido às riscas LACOSTE  
chapéu HURRICANE LAB  
sapatos GUESS



look total ANDRÉ VIEIRA



top NUNO MIGUEL RAMOS  
camisola top LACOSTE  
chapéu HURRICANE LAB  
calças NOPIN  
choker MARIA CARLOS BAPTISTA







fato MARIA CARLOS BAPTISTA  
corset DARYA FESENKO





casaco de cabedal DARYA FESENKO  
saia ARNDES  
sapatos MARIA CURADO  
acessório do nariz MARIA CARLOS BAPTISTA











casaco de cabedal DARYA FESENKO  
saia ARNDES  
sapatos MARIA CURADO  
acessório do nariz MARIA CARLOS BAPTISTA



## MEDIÁTICO

texto Francisco Vaz Fernandes

Depois de muitos anos de experiência em Cascais, o Mediático instala-se em Lisboa, convertido agora em sushi bar. Perto da avenida de Roma o novo espaço é segundo o seu mentor, Joel Kuin, uma casa com uma componente purista e clássica, tal como se entende ser um sushi bar no Japão. Pode-se dizer que sendo um conceito que ganhou uma dimensão universal, com versões que se foram adaptando aos gostos e produtos locais, Joel procura oferecer no entanto, um produto autêntico que vive da sua frescura com preceitos e sabores tradicionais do Japão. Ou seja, na cozinha do Mediático, não entram queijos filadélfia nem frutas exóticas com os quais nos fomos familiarizando e aceitando em Portugal,

Para Joel, chegar até aqui, foi um processo de crescimento, enquanto pessoa e enquanto empresário. O Mediático entrou na sua vida muito cedo, com o desejo juvenil de abrir um bar, onde pudesse conciliar a sua vontade em ser DJ. Na verdade, acabou por acolher todas as conjunturas que lhe apareciam à frente, juntando ao cardápio comida Japonesa ao lado da portuguesa e da italiana. Saltando ele mesmo para a cozinha, transformou-se num sushi man, tendo percebido a preferência e o gosto pela comida nipónica. Assim, procurou fazer formação tendo então como mentor, Rilk Gabriel, alguém que saiu da equipa do saudoso Aya.

Apesar da sua mestria atual, quis que o seu novo espaço estivesse ao nível da excelência e, por isso mesmo, trouxe o seu mestre para a cozinha. Agora reserva para si o contacto com o público que conta com os seus conhecimentos técnicos para um melhor esclarecimento, mesmo junto dos mais exigentes.

No dia em que almocei, estava um calor insuportável, e nem pensar ficar na simpática esplanada no início da rua Alberto de Oliveira. O espaço interior é exíguo, sem grandes luxos decorativos, para além de umas telas da Sofia Areal nas paredes. As atenções estão orientadas para a apresentação do produto. As louças são lindas e tudo é servido com uma nota artística evidente. A casa ofereceu como couvert um Sunomono de Pepino e tártaro de peixe. Uma porção diminuta, mas que fez elevar as minhas expectativas em relação ao que se seguiria.

Para entrada, usufruímos para partilhar, goysas de frango e legumes e um Usuzuki Maaguro, uma espécie de carpaccio de atum que é ligeiramente oxidado por um molho ponzu que, grosso modo, é uma combinação de laranja e soja. Excelente! Depois, a opção foi um prato de sashimi composto por 20 peças que continham nacos de atum, salmão, corvina, lírio, polvo e camarão.

Ter-me-ia dado por satisfeito, mas a curiosidade fez com que pedisse ao Joel uma sugestão relativamente a um dos pratos que pudesse ser um ex-libris da casa. Assim, chegou uns Hamachi Arai que são basicamente lascas de lírio que sofrem um tratamento térmico. Mergulham muito rapidamente num caldo quente para depois repousar num “montanha” de gelo, onde é servido. Sem dúvida, simples e aparatoso, contando ainda com um delicioso molho espesso onde vamos mergulhando o peixe.

A imagem do produto quando chega a mesa é, de facto, uma prioridade e por isso durante a pandemia tiveram que se adaptar ao takeaway. O nível de exigência levou a que procurassem diferenciarse, apostando num packaging que sublinhasse um tratamento de arte que procuram sempre dar.



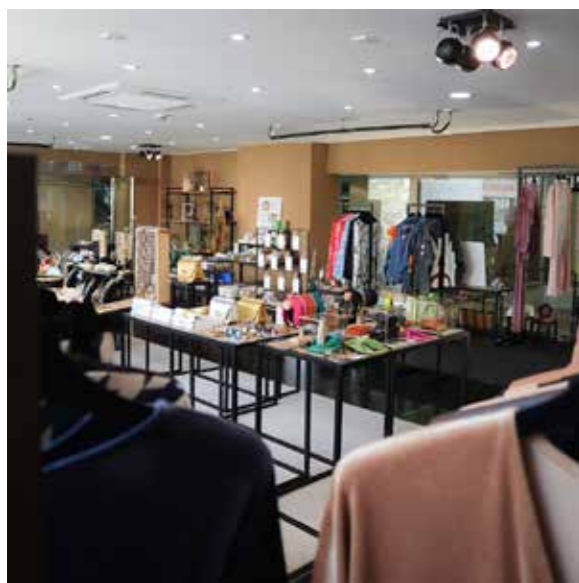


## CASTILHO CONCEPT STORE

texto Maria São Miguel



A Castilho Concept Store nasce com o intuito de ajudar marcas de autoria portuguesa, a manter e a recuperar os seus negócios, nesta fase após a pandemia. Numa zona de Lisboa, onde as compras são uma tradição, a Castilho Concept Store reabre o espaço que foi ocupado durante muitos anos pela mítica Loja das Meias. Fica no 1º Piso do Castil, uma galeria que nos traz muitas memórias da nossa infância. É com este sentimento de nostalgia, que a Castilho Concept Store abre as portas, com uma oferta diversificada de produtos na área da moda e design em vestuário e acessórios, decoração e cerâmica, cosmética, relojoaria e plantas aéreas. Com um olhar no futuro, a Castilho Concept Store aposta na curadoria das marcas que representa: Airplantsopt; Antiga barbearia de bairro; Inedit; Ninas; António Handmade Story; Tian; Velas raízes; Pensart; Lemon Hair; Luê; São pérolas; O caco da marquesa; Sors; White X Black Project ; Armazém das malhas; Imago; Meia lua watches; Inêz rosa.



**CASTILHO CONCEPT STORE**  
Edifício Castil, Loja 1  
Lisboa

Seg. → Sáb. | 10h → 20h

T. 910 511 533

## PARFOIS

texto Maria São Miguel



A Parfois propõem uma Flagship com imagem renovada no Amoreiras Shopping Center, em Lisboa . Trata-se de um espaço de 127m2 com um design mais minimalista e luminoso, proporcionando uma experiência diferente ao seus clientes, sobretudo na forma como apresenta as diferentes coleções, desde os acessórios à gama de vestuário.

Nos últimos anos a Parfois tem vindo a estabelecer uma estratégia transversal a todas as suas áreas de negócio, com foco na imagem da marca e na constante evolução e inovação do seu produto, com o lançamento de coleções com as últimas tendências e cápsulas exclusivas, e a criação de conteúdos inspiradores.



**PARFOIS**  
Amoreiras Shopping Center , Piso 2  
Lisboa



## SALTA

texto Maria São Miguel

O Salta é o lugar perfeito para uma experiência gastronómica multicultural em plena Lisboa. É um restaurante procura unir as cozinhas asiática e centro-americana a partir das experiências dos seus mentores, quatro amigos que depois de percursos por Nova Iorque, Sydney, São Paulo, Copenhaga, Barcelona se juntam em Lisboa para realizar o seu sonho. Oferecer o

Tomaz Reis, Mo Lisboa, Pedro Lopes e Rafael Almeida, desenharam uma primorosa carta de pratos e cocktails de autor com objetivo de oferecer experiência aprazível. Os ingredientes são cuidadosamente selecionados, e dá-se prioridade à sazonalidade e qualidade. O chef Tomaz Reis (um dos sócios), que alia ao talento a alargada experiência internacional em renomados restaurantes, vai construindo a carta consoante os produtos de estação, com especial interesse em mostrar combinações, variações e/ou ingredientes diferenciadores. Pode começar-se, por exemplo, com nigiris de atum blue fin com um twist, tacos de peixe do dia com polme especialmente aerado inspirado na tempura japonesa e tortilhas caseiras, cremosos croquetes de perna de pato confitada, ou o

tiradito de hamachi com jalapeño fermentado, planta gelo e yuzu. Dois dos ex-líbrs são o bife de wagyu e as short ribs de vaca Black Angus australiano maturados durante 30 dias e, para finalizar, algo tropical como o pudim de manga com granita de lichia e pérolas de tapioca com leite de côco ou brownie de chocolate com miso, doce de leite e praliné de avelãs. É possível pedir-se à carta ou optar pelos menus de degustação “Experiência Salta” (42€/pax) ou “Experiência Salta+” (58€/pax); durante a semana, ao almoço, existe ainda a versão “menu executivo”, com a seleção de dois dos pratos do menu (20€ incluindo camotes fritos, uma bebida e café).

O projeto destaca-se também pela aposta nos vinhos naturais, sendo o primeiro restaurante em Lisboa a figurar na app de referência internacional Raisin de vinhos naturais, com uma variada lista de referências nacionais e internacionais. Os cocktails são outro ponto forte do conceito, criados ao pormenor para acompanhar os pratos e o espaço, e vários clássicos de excelência com destaque para a margarita e o mezcal sour.

### SALTA

Rua Rodrigo da Fonseca 82A  
Lisboa

Seg. → Sex.

12h30 → 15h30 | 19h00 → 24h00

Sáb. 18h → 24

T. 910 511 533





# “SUPERMERCADO DAS VAIDADES”

texto PATRÍCIA CÉSAR VICENTE  
ilustração NICOLAE NEGURA

Abastecemos-nos de tanta coisa, mais até do que precisamos e a menos também. Somos uns consumidores desenfreados sem paixão. Já só compramos, muitas vezes sem sabermos que falta nos vai fazer. Ou se algum dia fará sentido estar numa prateleira a apanhar pó. De armários vazios temos a lembrança do que faz falta, do que devíamos ter comprado e chegámos tarde demais ou desistimos. Tudo tem hora de fechar. As portas não se abrem só porque nós queremos. Elas têm o seu tempo como tudo na vida.

Fazer listas de compras nem sempre resulta porque nos distraímos nos corredores com promoções ou campanhas de marketing manipuladoras. E já nem falo do preço que pagamos pelas supostas promoções. Nem todos os negócios que são bons são os melhores para nós. Se pudéssemos, o melhor seria fazer compras apenas através de talões de troca. Deixávamos o ego e trazíamos compaixão. Talvez amor. Resgatar amor próprio parece ser tarefa para aqueles que fazem acampamentos à porta do supermercado e conseguem as senhas premiadas. Até parece um sistema viciado, mas não. Os bens mais valiosos não se compram com dinheiro, os bens mais

necessários só se conseguem se ultrapassarmos obstáculos. Muitos de nós passa no supermercado ao final do dia. Quando nos lembramos do que falta para a semana ou mês seguinte e entre a fruta já tocada, caixas amolgadas e desconto nos iogurtes com prazo de validade quase a terminar lá encontramos ego disfarçado de confiança mal temperada.

Uma caixa de sushi preparado às dez da manhã para jantar por volta das onze da noite. Já não há sashimi que esteja apresentável aquela hora. Mas porque não insistir em trazer o sushi que mais tarde vamos lamentar? Pode ser que se pareça com qualquer coisa que sabemos que queremos muito mas nunca nos esforçamos o suficiente para a alcançar. É como sonhar com uma casa nos Hamptons e contentarmo-nos com um To numa cave menos dois, com divisões sem janelas em Barcarena ou Tercena.

No supermercado das vaidades há sempre tempo para comprar, vender, trocar, já as devoluções têm políticas conservadoras e até impiedosas. A falta de confiança e a desconfiança do consumidor faz com que ele se pareça interessado em comprar, mas no fundo é difícil de arriscar quando há tanta oferta e falta de fé. Só sabemos o que

deveríamos ter comprado quando chegamos a casa, os sacos em cima da bancada e começamos a arrumar armários, prateleiras, gavetas e dispensa. Lembramo-nos do que tivemos na mão, a pensar que era mesmo aquilo que estávamos à procura. Lemos o rótulo, pensámos e na altura colocámos de volta na prateleira. Ao final do corredor voltámos atrás, o preço até era caro mas valia a pena. Hesitamos. Pensámos outra vez. Acabámos por colocar de volta na prateleira. Demos uma volta pelo supermercado, enchemos o carrinho de compras com tudo o que conhecemos, com o básico mas não essencial. Estávamos prestes a chegar à caixa e decidimos voltar. Havia de valer a pena e queríamos tanto. No seu lugar estava uma placa a dizer “Esgotado”.

Perdemos outra vez a oportunidade de ter algo que queríamos muito, o medo do desconhecido deixa-nos quase sempre no mesmo lugar. O lugar de quem nunca avança por falta de amor próprio embrulhado em dúvidas e entrelaçado em recordações que nunca ultrapassou. Mais importante do que ter confiança no mundo e no que compramos, é ter confiança em nós e no que nos faz feliz. Tudo acaba por esgotar quando nos perdemos no supermercado das Vaidades.





The word "PARQ" is rendered in a stylized, 3D neon font. Each letter is composed of two parallel lines, one slightly offset from the other, creating a glowing, hollow effect. The colors of the letters transition from a bright yellow on the left to a deep magenta on the right. The background is a complex, multi-colored composition of vertical and horizontal bands in shades of blue, orange, pink, and grey, creating a vibrant, abstract backdrop.

PARQ

**follow us**

[www.facebook.com/parqmag](http://www.facebook.com/parqmag)

[www.parqmag.com](http://www.parqmag.com)

[www.instagram.com/parqmag/](http://www.instagram.com/parqmag/)